O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV

ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANNO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: anno 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assignaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

Sabbado 5 de junho de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assigna-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:495

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

SUMMARIO: — IMPORTANTE. — AO SR. MINISTRO DA FAZENDA. — INFELIZES EM TUDO. — EXECUÇÕES FISCAES. — APRECIAÇÕES. — NOTICIAS LOCAES. — NOTICIAS DIVERSAS. — NOVAS DE LONGE. — PARRIA, *por Alves Mendes*. — FOLHETIM, UMA PIRRAÇA, *por Camillo Diniz*. — UMA ACÇÃO NAVAL. — SCIENCIAS. — ARABESCOS E MINIATURAS. — PUBLICAÇÃO A PEDIDO. — BIBLIOGRAPHIA. — PARTE OFFICIAL. — TELEGRAPHIA. — CARTA DE LISBOA.

Aveiro

IMPORTANTE

Foi hontem á assignatura real um decreto por todos os ministerios declarando sem effeito as nomeações feitas pelo governo de empregados do estado para commissões de serviço, cujo desempenho se torne incompativel com o das funcções dos respectivos empregos, e estabelecendo que não sejam abonados em folha os empregados do estado, que forem pares ou deputados e façam parte de commissões parlamentares, e que deixarem por este motivo de exercer as funcções dos seus empregos, excepto quando se prove a effectividade de serviço n'aquellas commissões e simultaneamente incompatibilidade d'esse serviço com o dos logares em que esses deputados estão providos.

Isto importa o chamamento ao serviço de centenares de funccionarios que por ahi estão anichados a cada canto com pingues gratificações, e nenhum trabalho.

Sempre nos repugnou este escandalosissimo systema, de que demais a mais tanto se tem abusado no nosso paiz, de desviar os empregados publicos do exercicio das suas funcções para commissões geralmente tão rendosas como inuteis, e tão estranhas ao serviço que lhes incumbe que com elle se tornam incompativeis, de fórma que se conservam logares que ninguem occupa, e se remuneram serviços que ninguem faz. Se esses logares são inuteis, supprimam-nos; se essas commissões são uteis, nomeiem para as desempenhar, quem para isso não tenha de faltar ao cumprimento dos deveres dos seus cargos.

Que ao empregado que tem mais serviço se dê maior remuneração, é justo; que o serviço extraordinario se gratifique, comprehende-se. Mas que se substitua um serviço por outro e se paguem ambos os serviços, tanto o que se exerce como o que se não exerce, é revoltante.

Pois temos por ahi muito d'isso, e é com isso que este decreto se propõe acabar. Se o fizer, louvaremos enthusiasticamente o governo por esse passo gigantesco no caminho da economia e da moralidade.

AO SR. MINISTRO DA FAZENDA

Conforme o edital da repartição de fazenda d'este concelho, de 28 de abril ultimo, deve expirar no dia 7 do corrente o praso para as declarações que os proprietarios d'esta circumscripção administrativa devem apresentar na mesma repartição, em conformidade do regulamento de 25 d'agosto de 1881. Cumpre-nos ponderar, que este praso é demasiado curto, e que havendo no concelho quasi sete mil proprietarios, se torna indispensavel prorogal-o, a bem d'elles e das conveniencias do serviço publico.

Estamos n'uma epoca em que predominam os trabalhos agricolas, e em que a população dos campos se acha entretida com o amanho das terras. E' pois obvio que a maior parte dos povos das freguezias suburbanas não podem largar a faina da lavoura, para satisfazerem aquella exigencia.

E' verdade que taes declarações são apenas obrigatorias para os habitantes das duas freguezias da cidade, mas não será máu que se providenceie superiormente de harmonia com o alvitre que apresentamos, que é fundado nas conveniencias do maior numero.

INFELIZES EM TUDO

Os miguelistas estão em maré de infelicidades. Depois de fazer côro com os republicanos transcrevendo no seu jornal official as diatribes insolentes que aquelles dirigiram ao conde de Paris, o chefe actual em França do partido que elles aqui dizem, ser o seu, protestaram como dissemos, com um banquete n'um dos hoteis de Lisboa contra o consorcio de Suas Altezas o principe D. Carlos e a princeza D. Maria Amelia. Fallando do protesto, ou antes do tal jantar, escreve a *Nação* no seu numero de terça-feira:

> «Pareceu bem que o banquete commemorasse juntamente uma data historica. E a ponte veiu aquella em que foi restaurada a monarchia, pela gentil resolução de um Principe, *modelo de nobreza e fidelidade*, que foi então chamado o salvador da Europa, merecendo aos Soberanos d'ella as felicitações e destincções mais honrosas, e ao Monarcha, seu augusto Pae, as mais affectuosas expressões de reconhecimento, com as provas e cargos de maior confiança,
>
> Mas o que, n'esta data, mais especialmente commemoramos são as palavras da Proclamação Real em que se affirma o verdadeiro caracter da nossa antiga monarchia, dizendo alli El-Rei D. João VI:
>
> Cidadãos! Eu não desejo, nem desejei nunca o poder absoluto, e hoje mesmo o regeito: os sentimentos do meu coração repugnam ao despotismo e á oppressão. Deseje sim a paz, a honra, e a prosperidade da nação.»

Como se vê do que deixamos transcripto os miguelistas quizeram com o jantar do protesto commemorar tambem a restauração do governo absoluto em Portugal. Mas até n'isto foram infelizes, pois trocaram os dias em que os acontecimentos tiveram logar e isto sem necessidade nenhuma.

O jantar realisou-se sabbado 29 de maio, ora em igual dia de 1823 não teve logar o acontecimento que quizeram commemorar.

O chefe d'esta revolução, o sr. infante D. Miguel, sahiu de Lisboa para a realisar na noite de 27 de maio de 1823.

No dia 30 ainda el-rei D. João dizia n'uma proclamação:

> *Portuguezes:*—Meu filho, o infante D. Miguel, fugiu dos meus reas paços e uniu-se ao regimento n.º 23. Eu já o abandonei como pae, e saberei punil-o como rei.
>
> ……………………………………
>
> Fiel ao meu juramento, fiel á religião de nossos paes, eu saberei manter aquella constituição, que mui livremente aceitei. E eu ainda não faltei uma só vez á minha palavra. Se quereis ser livres e continuar a merecer o nome que por tantos seculos conservastes, sêde fieis ao vosso juramento. Ninguem tolhe, nem tolheu ainda a minha liberdade. Ninguem desacatou ainda a minha auctoridade real. Não deis ouvidos aos aleives com que pertendem alhearvos de vossos deveres e da vossa felicidade. Quem vos attráe ao perjuro, deseja lançar-vos ferros.

No dia 31 é que o mesmo monarcha, n'uma proclamação datada de Villa Franca de Xira, para onde se havia retirado na vespora, se mostra disposto a derrogar a constituição, que ainda poucas horas antes promettia manter. Esta proclamação é aquella a que se refere a *Nação*, e de que transcreve os periodos que reproduzimos acima, e como dizemos tem a data de 31 de maio e não de 29, como affirma o collega.

Por isto se vê que foi mal escolhido o dia 29 de maio para o banquete do protesto, pois tal data nada significa. Mais acertada escolha seria a do dia de hoje, por ser este o anniversario em que el-rei D. João VI entrou *triumphante* em Lisboa, puchando-lhe alguns fidalgos ao carro, porque talvez entre os convivas do banquete ainda houvesse algum descendente d'estes, como havia um neto d'um titular mandado assassinar em 28 de fevereiro de 1828, segundo é publico, por ordem do mesmo infante o sr. D. Miguel.

EXECUÇÕES FISCAES

O *Diario do Governo*, de quarta-feira, publicou a seguinte portaria conteudo as providencias indispensaveis para o cumprimento exacto e uniforme de algumas disposições contidas no decreto de 21 de abril ultimo, que regulou a execução do artigo 26.º da carta de lei de 21 de maio de 1884:

Artigo 1.º A remessa dos conhecimentos relaxados para o delegado do procurador régio, de que trata o artigo 4.º do decreto de 21 de abril ultimo, será feito pelos recebedores, sempre por intermedio dos respectivos escrivães de fazenda da comarca, os quaes, por essa occasião, devem lançar a seguinte verba, devidamente rubricada, nos segundos talões estabelecidos pela presente portaria *para os conhecimentos de todas* as contribuições e impostos, á excepção da contribuição predial: «Remettido o conhecimento para o delegado do procurador régio em... de... de 188...—*F.*»

§ unico. O recedor de comarca, logo que receber a relação devolvida pelo ministerio publico, nos termos do artigo 5.º, ou as certidões de que tratam o § 2.º do artigo 12.º e o artigo 13.º do citado decreto, envial-as-ha, sem demora, ao escrivão de fazenda respectivo.

Artigo 2.º Para cumprimento do disposto no artigo antecedente, em todas as comarcas, com excepção das de Lisboa e do Porto, os conhecimentos de todas as contribuições, impostos e outros rendimentos publicos, não pagos em prestações, que d'ora em diante se extrahirem, terão dois talões, conforme os modêles juntos a esta portaria n.os 1 a 10.

§ unico. O segundo talão só será preenchido quando o conhecimento, não sendo pago nos prasos legaes, for relaxado ao poder judicial.

Quando as collectas forem pagas nos prasos legaes, o segundo talão, não preenchido e adherente ao primeiro, acompanha este na remessa determinada pelo artigo 85.º do regulamento geral da contabilidade publica.

Em relação aos conhecimentos que já tinham segundo talão para ser enviado, quando satisfeitos, para as repartições de fazenda dos districtos, ficará essa remessa substituida por uma relação com as indicações necessarias, para os delegados de thesouro continuarem na fiscalisação que sobre a cobrança d'esses conhecimentos lhes incumbe.

Artigo 3.º Quando se effectue a remessa a que se refere o artigo 1.º da presente portaria, o escrivão de fazenda preencherá e assignará o segundo talão, o qual ficará em poder do recebedor, substituindo o conhecimento primitivo para o fim de se poder exercer a devida fiscalisação da responsabilidade do mesmo recebedor.

Artigo 4.º Das contribuições, que são pagas em prestações, quando houverem de ser relaxadas, remetter-se-hão para o ministerio publico sómente os conhecimentos das prestações em divida, ficando em poder do recebedor os talões dos conhecimentos d'essas prestações adherentes ao conhecimento principal, no qual será lançada a verba de que trata o artigo 1.º, que n'este caso indicará o numero e a importancia dos conhecimentos das prestações remettidos.

Artigo 5.º Nos conhecimentos de contribuição de registro por titulo gratuito, de direitos de mercê e nos creados pelo artigo 4.º das instrucções regulamentares de 28 de abril ultimo, o segundo talão, no caso de relaxe, e substituirá para a fiscalisação dos valores a cargo dos recebedores, o que de novo é estabelecido pela presente portaria para os conhecimentos e demais rendimentos e impostos.

§ unico. No caso de relaxe, de que trata este artigo, o escrivão de fazenda fará nos segundos talões dos conhecimentos a declaração de que trata o artigo 1.º d'esta portaria.

Art. 6.º Satisfeitas que sejam nas respectivas recebedorias as importancias das guias passadas para pagamento de execuções fiscaes, pelo principal, multa, juros acrescidos e emolumentos de 6 p. c. das importancias executadas, nos termos da tabella n.º 2 annexa ao regulamento de 4 de janeiro de 1870, os recebedores incluirão nas relações de que trata o artigo 83.º do citado regulamento geral da administração da fazenda publica, essas importancias, a fim de serem comprehendidas na tabella de cobrança, modêlo n.º 5 junto ao dito regulamento. O primeiro talão existente na recebedoria deverá acompanhar a sobredita relação, visto que o segundo, substituindo o conhecimento primitivo, deve ser entregue ao collectado na data do pagamento com as assignaturas devidas.

§ 1.º Para o fim indicado n'este artigo as guias para pagamento das execuções deverão designar separadamente cada uma das verbas de que se compõem.

§ 2.º O recebedor lançará no verso tanto do primeiro como do segundo talão as differentes verbas indicadas nas guias, para antes de as restituir ás partes poder relacionar cada uma d'essas verbas de per si.

§ 3.º Em relação aos conhecimentos das contribuições pagas em prestações, proceder-se-ha nos termos d'este artigo, attendendo, porém, a que o conhecimento a entregar á parte será o principal; e no verso d'elle e do seu talão se fará a conta determinada n'este mesmo artigo. Este talão, tendo adherentes os talões de todos os conhecimentos das prestações relaxadas, acompanha a relação da cobrança mensal.

Art. 7.º A somma do emolumento de 6 p. c. sobre as importancias executadas, estabelecido na tabella dos emolumentos e salarios judiciaes e applicavel ás execuções fiscaes nos termos da tabella annexa ao regulamento geral de administração de fazenda de 4 de janeiro de 1870, será incluida na guia com que se pagar o principal da execução, e escripturada em separado nas contas publicas como operação de thesouraria e receita eventual *sob a rubrica de* «6 p. c. das execuções,» e distribuida nos termos expressos no artigo 20.º do decreto citado de 21 de abril de 1886.

§ unico. Para a distribuição dos 6 p. c. das execuções os escrivães de fazenda folhas mensaes, que serão approvadas pela direcção geral de contabilidade publica, e enviadas a esta por intermedio dos respectivos delegados do thesouro. Essas folhas não podem ser pagas sem a approvação de que se trata, e sem que as respectivas importancias tenham entrado nos cofres publicos e sido escripturadas nas competentes tabellas.

Os delegados do thesouro verificarão que pelas importancias descriptas nas folhas, haja sido arrecadada nos cofres pelo menos somma correspondente, em cada comarca e em cada mez ou tenha ficado saldo dos mezes anteriores, isto para que a fazenda, em caso nenhum, entregue mais do que houver recebido.

Art. 8.º Para os effeitos do artigo 25.º do dito decreto de 21 de abril ultimo, continuam em vigor as disposições do § 2.º do artigo 41.º do regulamento geral da administração de fazenda de 4 de janeiro de 1870.

Art. 9.º Os administradores de concelho quando receberem o titulo de que trata o § unico do artigo 18.º do dito decreto de 21 de abril, envial-o hão ao respectivo delegado do thesouro para os effeitos do citado regulamento geral da administração de fazenda publica de 4 de janeiro de 1870 e mais disposições em vigor.

Art. 10.º As contribuições e rendimentos publicos que, segundo o disposto no artigo 26.º do mencionado decreto de 21 de abril, devem, no caso de não serem pagos nos prasos legaes, ser arrecadados segundo os preceitos geraes do mesmo decreto, são todas as contribuições de repartição e lançamento do anno civil de 1886 inclusivé e seguintes, a contribuição predial do anno civil de 1885 e seguintes, depois de vencida a ultima prestação e todos os demais rendimentos de qualquer ordem e natureza do anno economico de 1886-1887 inclusivé e seguintes.

Art. 11. O carimbo a que se refere o artigo 5.º do decreto já citado de 21 de abril será posto nos conhecimentos pelos recebedores, e n'elle se lerá o seguinte: «Para cobrança coerciva em... de... de 188.», devendo a data ser preenchida pelos mesmos recebedores.

§ unico. Estes carimbos, e os da verba de que trata o artigo 1.º d'esta portaria, serão fornecidos pela direcção geral da contabilidade publica.

Paço, em 31 de maio de 1886.—*Marianno Cyrillo de Carvalha.*

APRECIAÇÕES

(CONTINUAÇÃO.)

Do *Progresso d'Elvas*:

Sombrios, por Firmino de Vilhena.—Acabamos de ler este elegantissimo volume de poesias, a que, com justissimo titulo, se póde chamar um precioso *bouquet* de versos, d'uma singelleza, d'uma ternura e d'uma suavidade, encantadoras.

Não nos demoraremos com elogios, que possam ser tomados á conta de *réclame*; o penagyrico, altamente merecido, ha de fazel-o a propria obra do sr. Firmino de Vilhena,

Ouçamol-o a pag. 10 e 11:

A MEUS PAES

A Vós, bondosos Paes, ó corações de amor,
que acalentaes esta alma em vossos risos francos,
como no campo á flor a aurora dos espaços,
a Vós, doce Conselho, estes sombrios traços.
Que elles beijem por mim esses cabellos brancos,
ó Biblia onde aprendi a crer no meu Senhor.

A' VIRGEM

A Ti, que me deixaste, ó Santa Mãe de Deus.
crescer tão brandamente ao lado de meus Paes,
e colher o calor dos beijos maternaes,
a Ti, que És Grande e Boa, os pobres cantos meus.

Vejamol-o agora na sua

ONDEANTE

Eu roubei-te uma vez, ó meu gentil thesoiro,
um limpido botão
que trazias prendido ao teu cabello loiro,
um desalinho então.

Desde esse dia, flor, quando a sonhar anceio
e accordo de repente,
eu beijo a tua flor, aperto-a contra o seio
e fico assim contente.

……………………………………
……………………………………

Outra transcripção

GRATIDÃO

Fallava então Jesus. A turba que o cercava
Ouvia-O respeitosa, attenta, humilde, escrava.

Ao Seu casto sorrir, ao Seu divino olhar
curvam-se servis a terra, o céu e o mar.

E Elle ajunctava a Si as tenras creancinhas
chamando-lhes então as mansas ovelhinhas.
……………………………………
Mas quando emfim chegava ao cimo do Calvario
olhava-O ja sem dó um povo sanguinario.

—*Feliz do que chorar comigo n'esta hora:*
diz, e na luz do olhar fulgia a luz da aurora.
……………………………………
Jesus baixara meigo a fronte pudibunda
ao pezo d'uma dôr descaroavel, funda!

Ouviu-se um *grito então...um bando de avesinhas*
a chorar, a chorar...eram as creancinhas.

A poesia—*Confidenza*,—merece uma transcripção inteira:

Pediste-me uma vez que Te contasse um conto,
mimosa e casta Flor;
e eu cheio de alegria, allucinado, tonto,
ouvi-Te, meu Amor!

De manso comecei a pequenina historia;
um sonho que sonhei,
e em que era de ambos nós a magica victoria
de quanto idealisei.

Ficava ao sul o mar, um lago crystalino;
ao norte o campo em flor,
e ao meio d'este, um lar, um tecto pequenino,
alegre e creador.

Mais além, no silval, ia correndo a brisa,
gemendo umas canções,
emquanto no regato a agua que deslisa
fallava aos corações.

O ceu ia sereno e manso como a lua
em noites da poesia,
e o sol, sobredoirando a loira fronte Tua,
beijava-Te e sorria.

As aves modulando uns canticos d'amor,
no flórido rosal,
teciam-Te de flores, ó Pomba do Senhor,
a c'rôa nupcial,

E Tu, ó meu Amor, Pomba dos meus anhelos
choraste a vez primeira
ao ver sobre o Teu seio esses *bouquets* singelos
de flores de larangeira.

Depois... depois descia o vasto e largo azul
a Virgem Mãe de Deus
pousando carinhosa um véu de seda e tal
por sobre os hombros Teus.

E eu pude ver então—oh! sonho immaculado
que alegre idealisava!—
que a Virgem, sob a manto azul assetinado,
os dois abençoava!

...E n'esse lar pequeno, e n'esse tecto quente
do vasto campo em flor.
sorriamos depois n'uma expansão ardente
vivendo d'este amor!

Terminaremos com estes oito versos, que se acham a pag. 140, e que são uma verdadeira illuminura:

«Deixae-os vir a Mim!» dizia aos pequenitos
o Filho de Maria, o candido Jesus.
E o bando soluçante em prantos infinitos
erguia para Elle os seus bracitos nús;

O rancho era gentil, festivo como a aurora
quando a manhã desponta alegre aos laranjaes;
e Aquella santa Mãe que os risos lhes namora,
enchia-lhes d'amor os seios virginaes.

……………………………………

Basta. O que transcrevemos é sufficientissimo para se aquilatar do alto valor poetico do sr. Firmino de Vilhena. a quem, cordealmente, felicitamos, e a quem tambem agradecemos a sua delicada offerta.

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Regressou de Lisboa o nosso illustrado amigo e distincto clinico, o sr. dr. José Paes dos Santos Graça.

— Estiveram hontem em Aveiro os srs. dr. José Joaquim da Silva Pinho, chefe do partido progressista d'Agueda, e dr. José Henriques Ferreira, antigo consul de Liverpool actualmente aposentado. Suas ex.as regressam hoje a suas casas, o primeiro a Jafafe, e o segundo a Serem.

— Regressando de Lisboa, esteve na quarta-feira em Aveiro o nosso illustrado amigo o sr. dr. Augusto Correia da Silva Mello, digno administrador do concelho de Ovar.

— Na terça-feira vieram a Aveiro os nossos prestimosos amigos os srs. dr. Dyonizio de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, digno administrador do concelho de Estarreja, e José de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, digno vice-presidente da camara municipal do mesmo concelho.

— Faz hoje annos a ex.ma sr.a D. Amelia do Ceu Fernandes Pereira, gentil filhinha do nosso prestante e bom amigo, o sr. Elias Fernandes Pereira. Tantos annos de venturas quantos os dias decorridos desde o seu nascimento até hoje, é o que sinceramente desejamos.

— As ex.mas sr.as D. Carolina Alzira de Moraes Sarmento e D. Severina de Moraes Ferreira, teem passado ultimamente incommodadas de saude, o que deveras sentimos.

Doença.—Dizem-nos que é grave o estado em que se acha o nosso amigo e correligionario o sr. João Carlos Gomes d'Oliveira Vidal. Sentimol-o, e fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

Audiencias geraes.—Foi na terça e quarta-feira o julgamento do réu José Marques Novo, o Madeira, accusado de offensas corporaes de que resultou a morte de Manuel dos Santos Catre, o Covão. O interesse, que as complicações d'este processo provocaram, trouxe ao tribunal, em ambos os dias, uma concorrencia extraordinaria de espectadores. A producção das provas foi demorada, e os debates energicos e brilhantes. A attitude do tribunal era por vezes imponente. A accusação publica, intelligentemente representada pelo digno delegado do procurador régio da comarca, foi correcta, sem brandura nem violencia. A defeza estava confiada ao nosso collega dr. Barbosa de Magalhães, o que nos inhibe de a apreciar.

O relatorio do meretissimo presidente do tribunal, o sr. dr. Eugenio da Costa e Almeida, foi notavelmente claro e imparcial, confirmando os brilhantes creditos de que gosa este distincto magistrado.

O jury deu o crime como provado, por maioria, e o réu foi condemnado em 6 annos de prisão maior, ou 4 de prisão cellular.

Salvando o respeito devido á rectidão da consciencia do jury, parece-nos que esta decisão foi um erro judiciario, como tantos desgraçadamente se tem commettido. A opinião publica cada vez se pronuncia mais em favor da innocencia do réu, indigitando uma das testemunhas da accusação como auctora do crime, e vão-se accumulando muitos e importantes indicios n'esse sentido. Infelizmente, é tarde.

Syndicancia.—Diz o nosso illustrado collega, o *Jornal d'Estarreja*, que o benemerito presidente da camara municipal d'aquelle concelho, o sr. Francisco Barboza do Couto Cunha Sotto Mayor, propoz á camara, e esta deliberou, pedir uma syndicancia ás obras, documentos e contas da vereação transacta, e que foi logo expedido o officio n'esse sentido. Muito bem andaram o nobre presidente da camara e esta, dando este passo, que prova evidentemente a sua imparcialidade e o espirito justiceiro que a anima. E' o modo mais digno de responder á refutação graciosa que o ex-presidente veio fazer a respeito do relatorio, apresentado pelo illustre presidente actual. E' a maneira mais nobre de repellir grosserias de quem não tem consciencia dos proprios actos nem pode avaliar a dignidade e seriedade alheia, porque não tem medida para a propria.

Não se trata da transferencia de artigo para artigo dentro do proprio capitulo, porque isso, sendo uma irregularidade, é muitas vezes uma necessidade da administração justa e economica. Trata-se de falta de verbas, fantasias de *excessos* de despezas, de *excessos* de auctorisação, de falta de escripturação, de despezas antecipadas e por isso da responsabilidade individual dos camaristas e de verdadeiras ladroeiras em obras e calhau e saibro e litigios e outras cousas. Trata-se de verificar para onde foi o dinheiro que falta das verbas, destinadas a differentes obras. Trata-se de indagar de que verba sairam os duzentos mil reis, que foram para a eleição da Murtosa, alem dos duzentos pagos pelo sr. dr. José Justinianno. E' necessario saber com precisão, onde é que foi incluida a despeza que se fez com o jornal. As verbas saidas para impressos foram maiores do que a quantia destinada para elles e expediente, como é, pois, que se legalisou essa saida? E conclue instando pela syndicancia, que deve servir mais tarde para base de processo criminal.

Coreto.—Fica prompto por estes dias o elegantissimo coreto que a nossa vereação mandou construir no jardim de Santo Antonio, sob a illustrada direcção do nosso amigo o sr. Ferreira Araujo. A inauguração deve ser muito breve, e, sendo-o, cumpre lembrar ao muito digno commandante do regimento de cavallaria n.º 10, o sr. coronel Manuel Correia, que é impropria da estação a hora a que alli costuma tocar a charanga do regimento. D'uma hora ás tres da tarde poucas são as pessoas que frequentam agora o jardim; a concorrencia de passeantes é só das 5 horas da tarde em diante. E é esta a hora a que, no Porto e Lisboa e demais terras onde ha bandas militares, ellas se fazem ouvir nos passeios publicos durante a estação calmosa.

A lembrança ahi fica, e oxalà que ella se realise.

Festa d'Ascenção.—Teve logar na quinta-feira a costumada romaria ao aprazivel retiro do Bussaco, havendo alli festa de egreja.

Boato falso.—Não tem nenhum fundamento o boato propalado maliciosamente pela opposição, de que vão ser supprimidos, pela nova reforma administrativa, cinco districtos, entre os quaes entrava o nosso.

Real d'agua.—Consta que este imposto volta a ser fiscalisado pelos delegados do thesouro e respectivos escrivães de fazenda. Esta medida é de largo alcance, pois a fiscalisação, como tem estado organisada, é geralmente má.

Transferencia de fundos.—Foram hoje transferidos do cofre central d'este districto para a Caixa filial do Banco de Portugal, no Porto, 15:000$000 réis.

Hydrophobo.—Lê-se no nosso presado collega do *Jornal do Povo*, de Oliveira d'Azemeis, que Albino Marques, de Travanca d'este concelho, que noticiamos ter sido mordido por um cão raivoso, partiu para Paris a fim de ser tractado por Pasteur. O pobre do homem foi á custa do governo, beneficio que foi sollicitado pelo zeloso e muito digno governador civil substituto do districto, o sr. Manuel Firmino.

Albino Marques fora a Villa-verde para ser tractado alli por um especialista, mas parece que o tractamento consiste em um processo qualqeer, já muito conhecido aqui, e que não offerece garantia de bom exito.

Trabalho no mar.—Desde antehontem que ha trabalho effectivo no mar. A pesca tem sido petinga, e não nos consta que em nenhuma costa houvesse lanços superiores a 60$000 e 70$000 rs., sendo quasi todos inferiores a esta somma.

Melhor tempo.—Corre agora melhor o tempo. Não chove e ha calor que dá vida ás plantas, e que torna a estação mais util e mais agradavel.

O estado dos milhos é agora melhor. Nas searas—nos trigos principalmente—ha estragos que a melhoria do tempo já não evita.

Arauto.—Recebemos o numero 19 d'este magnifico jornal litterario, de que é distincto redactor o sr. Eduardo de Barros Lobo, *Beldemonio*, que agradecemos.

Declaração.—Pede-nos o digno intendente de pecuaria d'este districto que lhe publiquemos o seguinte:

> *Sr. redactor.*—Peço a v. o favor de publicar o seguinte:—Constando-me que alguem se tem referido a mim e a uma familia d'esta cidade, d'um modo pouco lisongeiro, peço aos calumniadores de profissão que digam onde posso encontral-os para lhe cortar a cara com um chicote ou correl-os a pontapé: ás pessoas honestas lembro a necessidade de serem ouvidas ambas as partes, caso as queiram julgar; na certesa de que, entre mim e a familia a que alguns calumniadores se teem referido, não houve a menor desintelligencia, e tudo se cifra em me indignar contra o procedimento do chefe d'essa familia.
>
> Certo de ter cumprido sempre o meu dever, como todo o homem que se presa, pouco me importará o bom ou mau juizo que de mim queiram fazer.
>
> 5—6—86.
>
> O Intendente de Pecuaria do districto d'Aveiro—*Daniel dos Santos d'Almeida Lima.*

Noticias Diversas

Directores das obras publicas exonerados.—Foi exonerado de director das obras publicas do districto de Evora o sr. general de brigada Graça, para ser opportunamente empregado em commissão correspondente á sua cathegoria. Para o substituir foi nomeado o sr. Camara Manuel, que era chefe de secção na mesma direcção das obras publicas.

Foi igualmente exonerado de director das obras publicas de Leiria o sr. Carlos de Abreu, e nomeado para o substituir o sr. Casimiro de Assumpção de Souza e Menezes.

A resistencia das videiras.—No *Agricultor Portuguez* escreve o sr. Rodrigues de Moraes:

«Estamos quasi no fim da epoca da fforação da vinha, e esta circumstancia faz-me recordar aquelles bellos exemplares de videiras hybridas que observei em Bordeaux, como em tempo aqui disse aos nossos leitores, obtidas pelo professor mr. Millardet, por meio da implantação do polen de alguma de nossas castas mais famosas do Douro sobre as flores de algumas especies americanas.

O fim d'estes casamentos é obter productos, isto é, castas de videiras que possam ter ao mesmo tempo a resistencia das americanas á philoxera e a productividade das nossas castas, ou, pelo menos, a melhor adaptação a estas para poderem receber o seu enxerto. Se não fôr facil conseguir o resultado desejado, logo na primeira união, conseguir-se-ha pela insistencia e principalmente pela selecção ou escolha dos pés em que mais se manifestarem os resultados desejados.

N'este campo da hybridação ha tudo a esperar; a York-madeira é uma casta das mais resistentes, apesar de hybrida e de suppor-se que um dos progenitores seria uma casta europeia, e o seu fructo é um intermedio ás especies selvagens e castas cultivadas; continuando-se na selecção, poder-se-hia chegar a um typo perfeito. Ha toda a vantagem em seguir n'esta ordem de estudos; para este fim já ha alguma cousa disposta em algumas vinhas ou postos de experiencia da commissão anti-philoxerica do norte e d'aqui as recordo aos interessados de todo o paiz; é nas estações officiaes que devem soffrer todas as difficuldades e contrariedades das experiencias, que se deve determinar o lugar onde estão os escolhos, a fim de os evitar aos particulares.

Uma difficuldade na adopção das videiras americanas é a enxertia; se pela hybridação e selecção a podessemos evitar, teriamos vencido uma campanha.»

O mal das salgadeiras.—O illustre agronomo sr. Rodrigues de Moraes diz no *Agricultor Portuguez*:

«Pouco se tem adiantado na questão do gastamento das banhas e carne gorda de porco; nem o microscopio revela qualquer ser organico, nem a analise qualquer substancia capaz de produzirem os estragos de que a imprensa tem dado noticia. Ha um facto que parece demonstrar que a causa do mal está na salgadeira; tiradas d'ahi as peças de porco, e postadas ao fumo, o mal paralisa-se e o gastamento cessa.

A presença do sal ou a existencia de algum organismo microscopico serão a causa do mal dentro da salgadeira; esse mal cessa, ou por ser annullado pela acção caustica e antisceptica do fumo ou por não existir o contacto do sal.

Parece racional pensar assim, entretanto, eu procedi ao exame microscopico, e julgo terem procedido tambem outros collegas, e nada vi de estranho na carne ou no sal, e o sr. Pereira Coutinho, digno lente do Instituto Agricola, procedeu á analyse chimica do sal, sem que se lhe revelasse qualquer differença para o sal normal que até aqui conservava a carne.

Fica ainda a possibilidade de alguma alteração intima dada na propria salina e parece que reconhecida ou admittida em alguns casos pelo sr. conselheiro Ferreira Lapa. E' ainda necessario continuar as investigações, ás vezes embaraçada por qualquer acidente ou circumstancia não prevista, e por emquanto o que cada um deve fazer é tirar das salgadeiras e pôr ao fumo toda a provisão de carne de porco.»

Os festejos e o rendimento da linha do Norte e Leste.—A Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes teve de rendimento, de 14 a 27 de maio ultimo, a quantia de 119:430$000 reis. Comparado este rendimento com o que houve em egual perido do anno anterior, resulta uma differença para mais de 38:950$000 reis.

Partido medico-cirurgico.—Está a concurso o provimento do partido medico, cirurgico do concelho de Barrancos, com o ordenado de 500$000 reis, e pulso sujeito á tabella camararia.

A emigração.—A totalidade dos portuguezes, que durante os annos de 1882, 1883 e 1884 emigraram do reino e ilhas, subiu a 55:041.

Tempo e modo de fazer visitas.—As visitas pela manhã a senhoras são improprias; um cavalheiro nunca deve apresentar-se para este fim antes da uma hora da tarde pelo menos, não devendo a visita durar mais de meia hora nas recepções de dia, não tendo as da noite tempo determinado. Um homem bem educado nunca entre n'uma sala com o sobretudo, ou guarda chuva, ou fumando; qualquer tempo que dure a visita, deve abster-se d'este habito,

O general Canavarro. — Falleceu em Santarem o general de divisão Francisco de Sousa Canavarro. O illustre militar desempenhou com distincção varias commissões de serviço publico, foi commandante dos regimentos de lanceiros de Victor Manuel e da rainha, inspector da arma de cavallaria, e por ultimo presidente da commissão de remonta.

Foi promovido a alferes em 1832, a tenente em 1833, a capitão em 1845, a major em 1851, a tenente-coronel em 1862, a coronel em 1864, a general de brigada em 1877, a general de divisão em 1881. O fallecido tinha 79 annos.

O banquete do protesto.—O nosso collega do *Correio da Noite* referindo-se a este jantar do partido miguelista de que já demos noticia, diz o seguinte:

«O banquete foi servido em quatro mezas, collocadas em fórma de cruz. Os convivas foram 111, numero *eabalistico* que nos explicaram da seguinte fórma:

4 reproducções da ceia de pascchoa, servindo de Christo os presidentes das respectivas mezas.....	52
Quadrupula encarnação dos dez mandamentos da Lei de Deus....	40
Idem dos tres inimigos de alma...	12
Representação simples dos peccados mortaes..................	7
Total...	111

Exploração archeologica.—O sr. dr. Antonio dos Santos Rocha, antigo presidente da camara municipal da Figueira da Foz, descobriu ultimamente n'uma serra que fica ao norte d'aquella villa, alguns dolmens ou antas, dando logo conhecimento d'este importante achado ao instituto de Coimbra. A respectiva secção de archeologia, empenhando-se em que n'estes monumentos se proceda a uma exploração regular, com vantagens para os progressos dos estudos da anthropologia e de archeologia pre-historica, constituiu logo uma commissão para auxiliar o sr. dr. Rocha nos seus trabalhos, composta dos srs. Adolpho Ferreira Loureiro, director das obras do Mondego e barra da Figueira, dr. Antonio José Gonçalves Guimarães, lente de philosophia, dr. Henrique Teixeira Bastos, tambem professor da faculdade de philosophia, e Luiz Augusto Pereira Bastos, professor de desenho no Lyceu Nacional de Coimbra.

Esta commissão vae principiar brevemente os seus trabalhos de exploração.

Classificação no ultimo concurso para os logares de tabelliães.—Foram collocados em 1.ª classe (muito bons), os srs. Francisco José de Sousa, Francisco Marques Lamartine, Jacintho Soveral Rogrigues, João Adriano de Azevedo Correia, João Maria Quaresma Brandão, Joaquim Augusto da Cunha, José Candido Marques de Azevedo, José Correia do Amaral, José Chrispiano Alves Casquilho, Justiniano Pedroso dos Santos, Manuel Maria Maldonado, Miguel Ignacio Lopes, Rodrigo da Nobrega Pinto Pizarro, Sebastião Maria de Quadros Côrte-Real.

Em 2.ª classe (bons), os srs. Abel Maria Jordão de Paiva Manso, Albano Augusto de Sousa Canavarro, Alexandre Mendes Blanc, Alvaro Augusto Leite Ribeiro, Antonio Augusto da Costa Povoas, Antonio Augusto da Cunha, Antonio Ayres de Campos, Antonio Celestino de Vasconcellos, Antonio Joaquim da Fonseca, Antonio Martinho Fiuza da Silva, Antonio Monteiro Osorio, Antonio Roque Carvalho Machado, Antonio Soares Villa Nova, Arthur Martins e Paiva, Augusto de Queiroz Rocha, Carlos Alberto de Moura Maldonado, Casimiro de Almeida, Domingos José da Silva Graça, Elysio Nunes de Carvalho, Ernesto Joaquim Vaz, Fortunato de Jesus Pereira, Francisco Alves Godinho, Francisco no Espirito Santo Taveira da Costa, Francisco de Oliveira Costa, Francisco Rodrigues Armas, Henrique Affonso de Barros, Henrique da Silva Avelino, João Lobo de Castro Pimentel, João de Mendonça Barbosa Montenegro, Joaquim Antonio de Sousa e Sá, Joaquim Augusto Mano, José Augusto Lobo Castello Branco, José Augusto Rodrigues d'Almeida, José Augusto da Silva Garcez, José Dias de Mattos Junior, José Rodrigues Correia, José da Silva Carrelhas, Julio Cesar Ripper Machado, Julio Francisco Botelho, Manuel Alves da Fonseca, Manuel Antonio Ribeiro, Manuel Joaquim da Cunha, Manuel José Fialho Gomes, Modesto Augusto Martins, Raphael Elyseu Ribero, Sebastião Batelho Machado de Queiroz, Silverio Augusto Barbosa de Magalhães e Vicente de Almeida Ribeiro.

Universidade de Coimbra. — Na Universidade de Coimbra fizeram na terça-feira acto na faculdade de direito, e ficaram approvados os estudantes seguintes:

1.º anno—Francisco Pereira de Queiroz Lacerda, filho de Antonio Pereira da Costa Lacerda e Mello, de Ponte da Barca: Francisco Pires Soares, filho de José Pires Soares, de Caria (Castello Branco); João Baptista Ribeiro Coelho, filho de José Joaquim Ribeiro Coelho, de Lamas de Orelhão (Bragança). N'este anno houve uma reprovação.

2.º anno—Albano de Campos Azevedo Soares, filho de Francisco de Campos Azevedo Soares, de Braga; Alberto Aureliano da Silveira Costa Santos, filho de Antonio Avelino Augusto da Silveira, de S. Verissimo (Porto); Alfredo Annibal de Moraes Campilho, filho de Augusto Cesar de Moraes Campilho, de Vidago; Antonio Alves Cerveira Junior, filho de Antonio Alves Cerveira, de Villa Nova de Monsarros.

3.º anno—Abel Vieira de Campos de Carvalho, filho de Adelino Vieira de Campos de Carvalho, de Calvos (Braga); Adolpho Rodrigues da Costa Portella, filho de José Rodrigues Pinto, de Recardães (Aveiro.)

4.º anno—Adolpho Cayres Pinto de Madureira, filho de Antonio Bernardino Pinto de Madureira, de Braga; Alberto de Castro Pereira e Almeida Navarro, filho de Francisco de Almeida Navarro do Porto.

5.º anno—Adelino Barreto de Carvalho, filho de Joaquim José de Carvalho, de Castanheira (Leiria); Albano Baptista da Cunha, filho de Manuel Francisco Baptista, de Paradella (Aveiro.)

Novas de Longe

Expulsão dos principes — O projecto.—Eis o texto do projecto de lei lido á camara franceza pelo ministro da justiça:

«Ao contrario do qhe fazem os governos monarchicos, a Republica julgou dever revogar as leis do exilio publicadas contra as dynastias cahidas.

Concedendo aos membros das famiias que teem reinado em França que residam no seu territorio, reconhecendo-lhes os mesmos direitos que aos outros cidadãos, a Republica deveria esperar que elles saberiam corresponder a esta politica de moderação e confiança com o respeito ao regimen estabelecido. (Applausos á direita). Os herdeiros das antigos dynastias não abdicaram, porém, um ápice de suas antigas pretenções.

Longe de o dissimularem, elles procuram abertamente todas as occasiões de abalar as instituições que o paiz livremente se deu.

Ainda ha poucos mezes que o governo se recusou a tomar contra elles as medidas que reclamava uma grande parte da opinião.

Esta attitude parece que não produziu outro resultado senão o de os animar o novas provocações.

A prova é completa, e nós julgamos chegado o momento 'de pôr termo a um estado de cousas que não poderia continuar-se sem grave detrimento da auctoridade e da constituição, e quebra dos interesses do paiz.

Visto isto, temos a honra de enviar para a meza o seguinte projecto:

«Artigo 1.º Fica o governo auctorisado a interdir o territorio da Republica aos membros das familias que tenham reinado em França. A interdicção é pronunciada por uma determinação do ministro do interior, tomada em conselho;

Artigo 2.º Aquelle que, violando a ordem de interdicção, fôr encontrado em França, na Algeria ou nas colonias, será punido com dois a cinco annos de prisão.

Cumprida a pena, será reconduzido á fronteira.»

Alguns deputados radicaes e intransigentes mandaram tambem para a meza o seguinte projecto de lei, que foi lido pelo sr. Basly, e a que o telegrapho já se referiu:

«*Senhores.*—Sabemos perfeitamente que a presença dos pretendidos principes no territorio francez não constitue nenhum perigo para o paiz, que está acima de todos os partidos. Se os pretendidos principes conspirarem contra a republica, *pediremos que sejam julgados*. Por outro lado, os pretendidos principes reteem bens mal adquiridos, que devem voltar para a nação; e portanto apresentamos-vos o seguinte projecto de lei:

«Artigo 1.º Os bens moveis e immoveis das familias, outr'ora real e imperial, dos Bourbons e dos Bonapartes de todos os ramos, ficam á disposição da nação;

Artigo 2.º Os bens moveis e immoveis constituem uma primeira dotação da caixa nacional de pensões á velhice.

Assignado—*Basly. Planteau, Camelinat, Boyer, Michelin A. Prudhon.*»

— Sobre este mesmo assumpto dizem tambem de Paris:

«A commissão que tem de examinar o projecto de lei sobre a expulsão dos principes foi eleita já na camara dos deputados. A commissão é composta de seis deputados partidarios da expulsão e cinco oppostos a ella. D'estes ultimos dois são monarchicos. A maioria dos seis primeiros está resolvida a exigir que a expulsão não seja facultativa do governo, mas sim obrigatoria e immediata.

O projecto de expulsão tem, portanto, todas as probabilidades de ser approvado, apesar de muitos jornaes republicanos, ainda os mais avançados, o combaterem.

A *Lanterne* prefere a lei preparada em outro tempo por Dufaure, segundo a qual nenhum principe das familias que reinaram em França podia residir no territorio francez sem uma auctorisação do governo, o que era collocar os principes na alternativa de fazerem um acto de submissão á republica ou de se exilarem a si proprios.

A *Justice* censura asperamente o projecto, declarando que a falta de decisão rivalisa com a falta de sinceridade.

O *Rappel* mostra-se decididamente opposto ao projecto da expulsão.

Os jornaes conservadores *Figaro*, *Soleil* e *Moniteur Universel* manifestam-se, como é natural, desgostosos da iniciativa tomada pelo governo da republica.

A *Authorité*, de Paulo de Cassagnac, combate com energia o projecto da expulsão assim como o *Gaulois*.

No emtanto o *Siècle* approva o projecto, que na sua opinião satisfaz as necessidades do momento.

Finalmente, a *Republica Française* prefere a expulsão sem necessidade de uma nova lei. No emtanto aconselha os opportunistas a que votem o projecto Demole.»

Uma carta do conde de Paris.—Os republicanos americanos—quem tal diria!—estão dando lições de cavalheirismo á França moderna. Os Estados-Unidos tinham convidado o conde de Paris a tomar parte n'uma romaria que se realisou ao campo de bstalha de Antietam. O principe, não podendo acceitar o convite, escreveu a seguinte carta, que tem a data de 19 de abril:

«Muito e muito agradecido pelo seu amavel convite, e pela fórma lisongeira em que elle me é dirigido. A excursão aos campos de batalha das montanhas do Sul e a Antietam, com os mais illustres generaes sobreviventes dos dois campos contendores, será excessivamente instructiva, e bem como me diz com tristeza, será provavelmente a ultima d'estas visitas que, segundo eu o julgo, constituem um facto unico na historia.

«Mas, desgraçadamente, não estou livre. O casamento da minha filha com o principe real de Portugal deve realisar-se em Lisboa na ultima quinzena de maio.

«Receba, pois, as minhas desculpas, e creia-me sinceramente seu.—*Philippe, conde de Paris.*»

Por este gracioso convite se antecipavam os republicanos americanos a condemnar o procedimento injustificavel que vae ter com os principes d'Orleans a republica franceza.

Dotação do rei de Hespanha.—Segundo refere o *Diario de Badajoz*, o recem-nascido rei de Hespanha D. Affonso Leão Fernando Paschoal Baylão, recebe diariamente 19:178 pesetas ou réis 3:452$040, o que equivale a 143$835 réis por hora.

O padre Galeote.—Eis a carta que o padre Galeote, o assassino do bispo de Madrid, dirigu ao Supremo Tribunal:

»Ex.mo sr.—Ha tres dias que me foi prohibida a comida que minha familia me trazia, graças á caridade publica: esta prohibição foi ordenada pelo presidente da audiencia.

Senhor: Não posso, pelo meu estado de saude, comer o que me dão na cadeia, e minha familia não póde occorrer ás despezas feitas em uma hospedaria, porque o dinheiro colhido por caridade apenas chega para se fazer a comida em casa.

O meu defensor diz-me que tenho direito a alimentar-me com o que minha familia me envia, e que só o director da prisão, por faltas praticadas por mim, ou a assembléa que ha de julgar-me, podem privar-me d'esse direito, mas não o presidente da audiencia.

Assim, pois, dou parte a v. ex.ª para que o presidente da Audiencia não me martyse sem motivo.

Tenha dó d'este desgraçado, e de minha familia e se eu não lh'o inspiro, tenha-o da minha pobre familia, que, ao saber a ordem do presidente, crê que foi por elle ter decidido condemnar-me á mais terrivel e immerecida das penas.

Deus guarde a v. ex.ª—Presbytero *Cayetano Galeote.*»

Napoleão I e o explorador Stanley.—Um jornal de S. Francisco da California, o *World*, narra um facto interessantissimo e que porventura muitos ignorarão. E' o seguinte, em duas palavras:—«A lavadeira de Napoleão I, ou antes a governanta que os inglezes destinaram ao monarcha exilado, em Santa Helena, era uma mulher de meia edade, porém muito apetitosa e com os mais bellos cabellos que é possivel imaginar. Napoleão, como Jupiter no poema immortal de Dryden, gravou a sua imagem no coração da «bella Olimpia», perdida nas solidões de Santa Helena, e teve d'ella um filho, por tal fórma á sua imagem e similhança, que faria córar os seus descendentes legitimos.

«Depois da morte do imperador, a governante abandonou Santa Helena com a criança e, retirando-se para Londres, casou-se com um relojoeiro que adoptou o pequeno. Este, tornado homem e tendo aprendido o mister de seu pae adoptivo, adquiriu uma certa fortuna, e mais tarde influencia politica. Chegou mesmo, nas horas vagas a fazer o seu bocado de jornalismo, escrevendo no *Boletim* de Norwick e no *Star* de New London. Ultimamente, retirou-se para San Francisco, onde falleceu. Victor e Jeronymo nada tem, pois, a receiar.

«De resto, parece que estamos na serie dos filhos naturaes. Com effeito o *Temps*, escrevendo a biographia de Stanley, diz-nos que este nome celebre não é positivamente o do celebre explorador. Inglez de origem, e não americano como se suppõe, nasceu em 1841, em Denbigh, no paiz de Galles. O verdadeiro nome de Stanley é John Rowland; pelo menos foi assim que o baptisaram e assim o appellidaram durante muito tempo. Na sua meninice, chamavam-lhe tambem John Back, Stanley é apenas um pseudonimo. Por morte de seus paes, partiu para a America e empregou-se como aprendiz em casa de um negociante de nome Stanley que começou por estimal-o, e por fim o adoptou.

«Veio a guerra da secessão, Stanley alista-se no exercito do Sul. E' aprisionado, consegue fugir e d'ahi a pouco é commissario de bordo d'um navio do Norte; depois em seguida a um acto de coragem, promovem-n'o a tenente de marinha, e finalmente surge d'elle o jornalista e o viajante que se conhece. Stanley é filho natural. Vejamos como. Estando sua mãe para casar com um joven da sua predilecção, este solicitou e obteve d'ella uma prova notabilissima d'amor, mas sobrevindo um embaraço qualquer, o enlace não se effectuou, vindo a mãe de Stanley a casar mais tarde com outro individuo. O explorador é, pois, um fructo d'essa prova notabilissima d'amor.»

Fallecimento do coronel Herbinger.—Acaba de fallecer o coronel francez Herbinger. Não causou espanto esta noticia, pois já se esperava este desenlace, desde que voltara de Tonkin, consumido de fadigas e cheio de desgostos.

Quando compareceu perante o conselho de guerra, que se reuniu em Saint-Malo, já se achava n'um estado bastante grave; e, apezar da justiça que se lhe fez, e apezar da doença ter por algum tempo parado na sua marcha, aggravou-se ultimamente, até que afinal o levou ao tumulo.

Nasceu em Strasbourg em 1838; entrou na escola de Saint-Cyr em 1859, e saiu em 1861, sendo o n.º 1 do curso. Foi então nomeado alferes do 1.º de zuavos, e partiu para o Mexico. Um anno depois foi promovido a tenente, por brilhantes feitos de armas, recebendo por essa occasião uma grave ferida, quando apenas contava vinte e um annos de edade. Em 1870 era capitão; tomou parte na capitulação de Metz; e o *anno terrivel* não lhe foi favoravel, para subir na sua carreira.

Da volta do captiveiro, faz, com o 101.º de linha, o segundo cerco de Paris; e ahi, no assalto de uma barricada, é ferido com uma balla, tendo sido dado como morto. Em 1876 foi promovido a major, e, pouco depois, escolhido para leccionar o curso de tactica de infanteria na escola superior de guerra. Mais tarde foi mandado a Allemanha, para assistir ás manobras do exercito, onde se distinguiu pelo rigor da sua critica sobre o assumpto.

Promovido a tenente coronel, foi designado pelo general Campenon para ir a Moukin. O ministro da guerra considerava-o muito, e recommendou-o ao general Negrier, como official distinto, para o secundar, e mesmo para o substituir, em caso de necessidade.

Partiu, com effeito, para Tonkin, d'onde o distincto official não devia voltar senão para morrer em França, intrigado e quasi vilipendiado. As intrigas, porém, como sempre succede, não puderam maculal-o; e a justiça, se bem que lhe não tivesse chegado a dar o seu *veredictum* sobre os factos por que o criminavam, a opinião publica absolveu-o, e é quanto basta.

Monarchas velhos.—A rainha da Grã-Bretanha e Irlanda e imperatriz das Indias, nasceu a 24 de maio de 1819. Em Inglaterra apenas 6 soberanos chegaram a edade avançada: a rainha Isabel que morreu com 69 annos, Jacques II aos 68, Jorge II aos 67, Jorge III aos 82, Jorge IV aos 68 e Guilherme III aos 72.

A rainha Victoria succedeu a seu tio, Guilherme IV, no dia 20 de junho 1837: d'aqui a 19 dias entrará no 51.º anno do seu reinado.

A historia da Inglaterra regista dois reinados longos: o de Henrique III que durou 56 annos, e o de Jorge III, que foi de quasi 60.

Dos reinantes actuaes o mais velho é o imperador Guilherme que fez 90 annos; segue-se o rei da Dinamarca com 69; e por ultimo a rainha Victoria que tem 67 annos.

Projecto d'um mar interior na Africa.—A creação dej um mar interior na Tunisia, a construcção de um porto a oeste de Mélah e o estabelecimento de oasis na região situada entre Sfax e Gabés, constituem um grandioso programma, que parece vae brevemente passar do estado de projecto ao de realidade.

A concepção de Roudaire está porém hoje bastante modificada. Não se trata de crear pura e simplesmente um mar interior, por meio da abertura d'um longo canal que o alimente.

A empreza, patrocinada por Lesseps e dirigida pelo commandante Landas, limita-se ao estabelecimento de um porto a oeste de Mélah e á creação de poços artesianos e de oasis n'uma extensão proporcional a estes poços.

Ha um anno, o commandante Landas conseguiu estabelecer um primeiro poço, que não tem cessado de dar quinhentos litros de agua doce por hora, assegurando assim a irrigação, quer dizer, a fertilidade de uma grande superficie de terreno. Esta experiencia animadora, junta ao apoio de Lesseps, á confiança a que todos inspiram as aptidões de Landas, e ao estudo que se tem feito do paiz, e do assumpto, facilitaram a formação de uma sociedade, que vae começar brevemente as obras precisas para este fim.

O sr. Landas, chefe de esquadrão do 2.º *spahis* e auctorisado pelo ministro da guerra a residir na Tunisia, como encarregado de levar a effeito este grandioso projecto, acaba de partir de Marselha para Tunis, no paquete *Ville-de-Saint-Nazaire*, da companhia geral transatlantica, levando comsigo uma enorme quantidade de apparelhos para a perfuração de poços artesianos, sondagens, reconhecimentos relativamente á direcção de correntes aquosas, etc., e um numerosissimo pessoal habilitado para estas operações. Os materiaes necessarios á construcção dos abarracamentos vão já em caminho, e pode-se annunciar o proximo estabelecimento de uma cidade na parte oeste de Mélah, na região de Gabés.

O commandante Landas fez alli acquisição de terrenos immensos, dos quaes uma parte vae este anno ser já cultivada. Plantará palmeiras, laranjeiras, limoeiros, cereaes, emfim, fará por tirar todo o partido possivel d'aquelles terrenos excellentes e virgens de toda a cultura ha centenas de annos.

Landas espera poder dedicar-se á creação dos avestruzes, nas mesmas condições em que, com tanto proveito, o fazem, no Cabo da Boa Esperança, os inglezes.

PATRIA!

Em todos os tempos e para todos os povos foi sublime e sagrado o dulcissimo nome de patria. Patria, terra-patria! eis o iman que prende todos os espiritos, o numen que adoram todos os corações. Rendemos-lhe o mais lidimo dos cultos—o culto da consciencia. Devemos-lhe o mais constante dos amores—o amor-proprio.

Não sei que encanto tem para nós este fragmento de solo onde vertemos a primeira lagrima, e este pedaço de ceu d'onde bebemos a primeira luz. Não sei que enlevo nos despertam esses lares onde tentámos os primeiros passos, e esses logares onde balbuciámos as primeiras preces. Não sei que emoção, que ineffavel e suavissima emoção—ora alegre como a esperança, ora melancolica como a saudade—nos communicam magicamente esses sitios, que abrigaram o nosso berço ou que abrigam as cinzas de nossos paes.

Parece que os seus mesmos atomos se distendem por nossos ossos, que a sua mesma seiva circula por nossas veias, que o seu mesmo calor sustenta a nossa vida; parece que o granito da sua historia compõe o nosso caracter, e que até o disco dos seus astros resplende em nossas faculdades; parece que das suas entranhas irrompe a nossa existencia; que no seu seio mergulha a raiz do nosso ser. E assim identificados com a patria, undia á patria como a alma e carinhosa mãe, repetimos sentidamente, enthusiasticamente, esta interrogação de Byron:

Não fazem estes ceus, aguas e serras,
Uma parte de mim, e eu parte d'ellas?

Oh! quando contemplo estes ceus inundados de ether e estas serras talhadas de marmore; quando apercebo estas aguas tão remançosas e estas costas tão recortadas; quando remiro estes mares em que o sol fabrica filigranas de ouro, e estes rios em que a lua borda arabescos de prata; quando aspiro estes ares deliciosos e absorvo estas exhalações salinas; quando escuto a nota metallica dos hymnos patrioticos e o echo vibrante das canções populares; quando se me deparam maravilhas taes, digo: eu amo allucinadamente esta terra, que assim concentrisa o meu espirito e espiritualisa o meu coração! e se, ao vir á luz, Deus me houvera consultado sobre o ponto da minha morada, teria escolhido logo esta gleba querida, esta gleba incomparavel, onde nasci humilde mas contente, e onde quero morrer obscuro mas honrado—porque as minhas ossamentas depositadas em terreno estrangeiro, ainda que fosse n'um sarcophago de malachite incrustado de brilhantes, estariam mais desprezadas e mais frias, do que adherentes aos seios tepidos da terra patria, embora só tivessem por passamanes os cardos do ermo, por prantos os orvalhos da aurora, e por jazida a mais raza e a mais bronca sepultura.

Mas a patria não é sómente o torrão natal, a estancia amada onde fomos nados e creados; não é sómente a casa e o povo, o jardim e a arvore, o campo e o monte, a veiga e o lago, o rio e o mar, por onde se nos deslisou a innocencia e onde se nos inflorou a infancia. A patria é o azul de todo este ceu rutilante de estrellas e o matiz de todo este solo inebriante de aromas; é o Minho com os seus vergeis e o Tejo com os seus crystaes, o Douro com as suas vinhas e o Alemtejo com as suas herdades, as Beiras com os seus pomares e o Algarve com as suas figueiras, as cristas do Herminio alvejantes de neve e as orlas do oceano alvejantes de espuma; é o aggregado de nossos municipios e a constellação de nossas cidades, a pleiade de nossas provincias e o collar de nossas colonias; é esse organismo superior, essa realidade possante, essa entidade concreta, essa personalidade altissima, conhecida pelo nome de nação, que providencialmente engendrada pela mecanica historica e pela chimica social, ostenta, atravez do espaço e do tempo, o mesmo espirito: uma só lingua, uma só creança, uma só fé.

E se isto é assim; se a influencia da patria nos repassa até ao fundo da vida; se desde o ar que respiramos até á compleição que possuimos, desde os filamentos do corpo até ás potencias da alma, tudo adhere entranhavelmente á patria; como não amal-a deveras, com exaltação e com delirio?

E este sentimento, tão energico, tão intenso nos individuos, corisca, explue ainda mais energico e mais intenso nos povos. Nunca se observa melhor o valor, a robustez de um povo, do que n'esses momentos supremos em que corre grave risco a sua existencia—em que um grande perigo e ameaça ou um grande inimigo o empolga. Se em taes lances é insensivel, está perdido, irremissivelmente perdido—porque assim como nas pessoas e perdão é a mais nobre das vinganças, nas nações a desaffronta é a mais culminante das virtudes.

Então, verdadeiramente então, a corrente magnetica do patriotismo sacode todos os cerebros, agita todos os animos, virilisa todas as tibiezas, propelle todos os caracteres. Então os peitos fazem-se couraças, os braços alavancas, os dentes punhaes, as unhas roçadoras, os corpos baluartes e até os cadaveres trincheiras. Então cada bombarda é um trovão, cada baioneta um relampago e cada espada um raio. Então as pedras transformam-se em armas, os metaes em escopetas, os bronzes em brazas e as florestas em chuços. Então os campos reapparecem acampamentos, os montes fortalezas, as casas arsenaes, os cidadãos soldados, os soldados heroes e os heroes martyres. Então cada aldeia relembra uma Numancia, cada desfiladeiro uma Thermopila, cada patriota um Leonidas, cada orador um Demosthenes, e cada poeta um Camões. Então surgem reis como João I, nobres como Nunalvares, sacerdotes como o arcebispo Lourenço, lettrados como Pinto Ribeiro, plebeias como Brites d'Almeida e fidalgas como Philippa de Vilhena. Então a propria terra estremece, a propria terra se vulcanisa e se revolve por si mesma para desalojar, para arremessar o estrangeiro;—e ainda que essa terra se converta afinal na ara de uma hecatombe, no cinerario de um povo, por sobre ella fulgurará eternamente aquillo que está acima do ferro e do fogo, aquillo que não alcançam nem canhões nem arcabuzes: o espirito nacional, a alma luminosa e viventissima da patria.

Por isso todas as nações tem sublimado, tem adorado os seus capitães e os seus poetas, os seus oradores e os seus sabios, porque elles representam em suas obras uma cousa mais excelsa que o genio e a gloria pessoal—representam e synthetisam o genio e a gloria da patria. Por isso a mão da Historia laureia sem os sacrificios pela patria. Por isso a tuba da epopeia canta sempre os benemeritos da patria. Por isso, entre todas as loucuras, ha só uma loucura sublime—a loucura do heroismo; e entre todos os fanatismos, ha só um fanatismo desculpavel—o fanatismo patriotico.

ALVES MENDES.

UMA ACÇÃO NAVAL

Em 1847 crusava na costa do norte de Portugal, para proteger as operações das tropas cartistas e bloquear os portos d'aquella costa uma esquadrilha sob o commando do capitão de fragata Soares Franco, que era tambem o commandante da fragata *D. Maria*.

Na manhã de 23 de maio estavam esta fragata e o brigue *Douro*, á vista do Porto, demorando-lhes a barra a les-nordeste. Navegavam os dois navios de bolina com todo o panno largo.

A manhã estava clara e serena, o mar plano, apenas uma fraquissima aragem do noroeste frisava por vezes a superficie das aguas, sem comtudo dar andamento aos navios que mal podiam governar.

A's oito horas as vigias da fragata deram parte que desciam o rio tres vapores e uma corveta. Eram o *Mindello*, o *Royal-Tar*, que depois se chamou *Infante D. Luiz*, e o *Porto*, cujo naufragio na barra do Douro ainda hoje nos faz estremecer de horror.

Rebocada por um dos vapores vinha a corveta *Oito de Julho*; mas como fóra da barra não houvesse vento, e os vapores quizessem manobrar livremente, sem se preoccuparem com um navio que decerto os teria embaraçado, ficou a corveta fundeada acima da Cruz de Ferro.

Era geral a anciedade por vêr o resultado da lucta em que se ia talvez jogar a sorte das duas causas, empenhando-se *no combate navios de diversas* grandezas e systemas diversos. Commentava cada um a sabor das suas ideias politicas

Folhetim

UMA PIRRAÇA

(CONTC LIBERRIMO)

Quando eu, ás quatro horas da tarde, cheguei a caza da D. Lucrecia, encontrei na escada a D. Clotilde, que me disse rindo, toda alegre:

— Chegou a proposito: a mamã sahiu mesmo agora, deixando-me só com meu sobrinho,—este insofrivel traquina,—e por tanto a sua companhia é hoje inestimavel.

— Folgo immenso de lhe poder ser util, ao menos uma vez na vida,—respondi eu repimpando-me n'uma cadeira de braços.

— Ah! hoje é utilissimo, creia. Ao menos com a sua companhia não corro o perigo de me aborrecer.

— Seriamente?—perguntei.

— Seriamente,—respondeu sentando-se ao pé de mim.

Houve um momento de silencio, em que eu, retorcendo as guias do bigode—um mau habito que adquiri—olhava fixamente para a minha hospeda,—uma deliciosa viuvinha de 24 annos, cheia de mocidade e de vida, com uns bellos olhos pretos, humidos e travessos, um rosto pallido onde a bocca um pouco grande, mas sempre entreaberta n'um sorriso ironico, cavava, ao descerrar-se, uma covinha natural, provocadora de beijos, um seio volumoso a contrastar com estatura mediana, franzina, azougada, toda petulante.

Foi ella quem rompeu o silencio:

— Quer saber a ultima diabrura d'este diabinho?—fez ella apontando para o sobrinho. —Hoje, na occazião em que eu fui ao meu quarto, fechou-me a porta e lá fiquei encarcerada mais de duas horas, porque, por mais que chamasse, ninguem me foi libertar. Que zanga, não acha?

— Decerto, minhora senhora, mas, quando se viu livre ninguem, creio eu, poderia obstar a que v. ex.ª applicasse a solla de um chinello nos fundilhos do seu improvisado carcereiro.

— Oh! decerto, mas nem tal coiza me lembrou. O rizo em mim era mais forte que a indignação. E' verdade: já viu o ultimo retrato que tirei?

— Ainda não, minha senhora.

— Então venha commigo, que eu mostro-lh'o.

Levantou-se e dirigiu-se para um quarto situado á esquerda da salla; eu segui-a.

Tomando de cima de uma mezinha um album, com as folhas todas doiradas, a D. Clotilde ia-o esfolhando vagarosamente quando um ligeiro estrondo, seguido de perto de um ruido estranho a deteve subitamente.

Sem nos voltarmos, sem mesmo termos indagado a proveniencia do estrondo, um mesmo pensamento nos assaltou:—Estamos fechados!

Effectivamente, o pequeno, fiel aos seus habitos de carcereiro, achára a occasião propicia para realisar uma travessura, e sem mais reflexões fechára-me no quarto—com a tia!

A principio atrapalhado, eu readquiri promptamente o meu bom humor, e, encarando a minha posição, cheguei a convencer-me, sem grande difficuldade, que ella não era tão má que muitos individuos não desejassem ver-se em situação identica.

Que podia, de resto, succeder-me alli, em companhia de uma mulher linda e espirituosa? Mal, de certo nenhum.

A minha companheira de prisão não parecia compartilhar o meu socego. O seu rosto, ordinariamente pallido, estava vivamente collorido; a bocca franzida n'um sorriso entre confuzo e despeitado, as sobrancelhas contrahidas, davam-lhe um aspecto inteiramente novo, mais provocante, mais seductor.

Curvada sobre o buraco da fechadura, ordenava ao pequeno que abrisse a porta, mas nada indicava que elle estivesse resolvido a isso; pelo contrario, um ruido distante, annunciou-nos que o nosso carcereiro se afastava para longe.

Vendo que nada conseguia, a D. Clotilde voltou-se para mim:

— E agora? Que havemos de fazer?

— Esperar que nos libertem, visto que é esse o unico recurso que nos resta,—respondi eu com toda a tranquillidade.

— Que remedio,—fez ella rindo; e accrescentou:—Vamos vêr os retratos em quanto esperamos, hein?

— E' o melhor.

Tomou novamente o album, mas, antes de o abrir relanceou um olhar em volta á procura de uma cadeira,—mas nem uma só havia no quarto; só lá ao fundo, meio escondida pelos cortinados, a colcha branca da cama indicava que com o leito se podia substituir uma cadeira.

Eu, que desde que me vi fechado havia tomado uma certa familiaridade, propuz que nos fossemos lá assentar, mas esta proposta, aliaz tão simples, foi regeitada.

Curvados sobre o album, nós, que ambos eramos myopes, tinhamos as cabeças quasi unidas, e, sempre que ella voltava a cabeça para me responder a qualquer observação, eu sentia o ligeiro roçar d'essa face aveludada pela minha barba rude, e aspirava o perfume inebriante d'aquella bocca vermelha. A's vezes os nossos dedos tocavam-se sobre a pagina do album, e, ao contacto d'esses dedinhos macios e alvos, com as unhas côr de rosa, muito cuidadas, sentia dentro em mim um bem-estar indefenivel. As fontes latejavam-me, o sangue percorria-me as veias, impetuoso, incandecente, e as pernas, muito tremulas, tinham caimbras agudas.

Depois, como eu era mais alto do que ella, via-lhe o collo delgado e airoso, d'uma brancura de jaspe, que a largura folgada do collarinho punha indiscretamente a descoberto até ás raizes dos seios, alvos e firmes. E então, a minha imaginação ardentemente voluptuosa,—á similhança dos paleontologistas que um fossil contruem um animal anti-diluviano—ia construindo, pouco a pouco, membro a membro, esse corpo adoravel que os vestidos velavam pudicamente: Primeiro os pés, pequeninos e brancos, semeados de veiasinhas azuladas, com as unhas nacarinas a coroarem os dedinhos mimosos; depois as pernas, finas, roliças e bem torneadas, oom a epiderme setinosa coberta de uma ligeira penugem aveludada, como a dos pecegos sazonados; em seguida as curvaturas elegantes e voluptuosas do busto, onde os seios, grandes e quentes, com os biquinhos côr de rosa, languidamente pendentes, como duas brancas pombas adormecidas, provocariam chuvas de beijos callidos e doidos, e finalmente os bracinhos polpudos, que deviam ter ondulações de serpentes quando enlaçassem um pescoço amigo...

Ella ia voltando vagarosamente as folhas, onde o retrato d'ella surgia em cada pagina; mas eu, cada vez mais desvairado, prestava mais attenção ao original do que á reproducção photographica.

De uma vez, em que ella espalmou a mão sobre uma pagina, eu, sem bem saber o que fazia, estendi a minha mão por cima da sua, e experimentei um goso intimo ao sentir o contacto d'essa pelle setinosa, cuja finura punha a descoberto uma rede de veias azuladas.

N'esse momento, tive como que uma vertigem de prazer: o sangue rugia-me no intimo com mais força, o coração tinha palpitações fortes e apressadas, a voz seccava-se-me na garganta, o suor aljofrava-me das fontes em abundancia; todo o meu ser estava profundamente, impetuosamente agitado; a natureza manifestava-se vigorosa, reagindo contra a inanição. Sentia que as pernas, cada vez mais tremulas, iam vergando, vergando, por forma que eu já mal me podia suster. Sentia-me desfallecer; prestes a cahir ao chão, busquei um ponto de apoio. O meu braço, tremulo e convulso, rodeou-lhe a cintura flexivel e airosa. Ella voltou-se, talvez surprehendida, talvez receiosa, mas—como explicar esta transição que em mim se operou?—antes que tivesse tempo de fazer um movimento, tinha-a eu cingido ao peito, e, depois de lhe imprimir nos labios um beijo, rapido como o voar d'uma setta, ardente como a cratéra d'um vulcão, erguia do chão como uma penna e ia depol-a na borda do leito, que de longe me estivera fazendo negaças, como que convidando-me a ir tomar um bocado de repouso, de que eu bem necessitava.

Uma vez sentado, tomei logar ao meio d'ella, e dominado pela ideia de ver essas bellezas mysteriosas que a minha mente escandecida phantasiára, comecei a desapertar-lhe o corpete cingido. Ella, a rir, muito vermelha, defendia-se frouxamente, batia-me ligeiras palmadinhas nas mãos, e dizia, muito baixinho:

— Atrevido!

Um ruido produzido pelos tacões de umas botinas suou subitamente na salla proxima. A D. Clotilde ergueu-se assustada:

— E' a minha mamã!—disse—conheço-lhe os passos.—Depois, curvando-se e erguendo o rodapé do leito:

— Depressa,—accrescentou—esconde-te alli.

Eu estava fulo: prestes a alcançar o pomo ambicionado, via repentinamente evaporar-se tudo com n'um sonho, comtudo obedecia á ordem. Revolvendo-me debaixo da cama, projectava tirar da desmancha prazeres uma vingança perfeita, uma desforra completa. Sentia vagamente o abrir de portas, ouvia palavras soltas, mas a nada prestava attenção; a furia que me dominava, absorvia-me todo. Enraivecido, eu sentia-me culpado a mim mesmo. Pois estando com ella mais de duas horas, para que perdera esse tempo precioso? Escrupulos? Ora adeus! Pois eu tinha culpa? Não me fecharam á chave? Suppunham talvez que eu era Santo Antonio? Pois não fosse!

E, quem sabia lá se eu, por castigo não teria de ficar alli toda a noite sosinho?

O dia findára de todo, e o quarto jazia mergulhado em profunda escuridão.

De subito vejo entrar no quarto um vulto, levando uma luz n'uma das mãos e um prato na outra. Pouco depois o rodapé erguia-se e a cabeça de Clotilde espreitou para debaixo da cama.

— Pega,—disse ella, passando para as mãos o prato de doces.

Eu olhei, admirado:

— Para que é isto? perguntei.

— Para ceiares...porque hoje ceias aqui.

— Bem! mas, dize-me uma coiza, ainda hei-de estar aqui, debaixo da cama, muito tempo?

Ella riu:

— Não,—disse.—Agora vou ceiar, e, logo que termine a ceia venho deitar-me... aqui,—concluiu rindo.

E retirou-se, enquanto eu começava a devorar os doces que a sua mão caritativa me fornecera, esperançado de que obteria a desforra que tinha planeado.

2—1—86.

CAMILLO DINIZ.

a batalha que se ia ferir. Em quanto uns com a disciplina das guarnições dos navios da Rainha e com a bravura do seu chefe, inclinavam-se outros para as vantagens que tinham sobre aquelles os navios da junta por serem movidos a vapor, por terem artilheria de mais grosso calibre, e por serem commandados por official, reconhecidamente atrevido e audaz.

A's oito horas e meia estavam os vapores fóra da barra; mas em vez de se dirigirem immediatamente para á fragata, seguiram costeando a terra do norte até Mattosinhos. Só uma hora depois deitaram para o sudoeste e vieram procurar a fragata e o brigue.

Logo que de bordo d'aquelle navio se avistaram os vapores ordenou Soares Franco ao brigue que atravessasse e ficasse em gavias. A fragata diminuiu tambem de panno e conservou sempre o brigue, já mareado, a curtissima distancia. Os dois navios estavam promptos para combater.

Aproximaram-se os vapores fazendo fogo sobre os navios da Rainha; mas nem as balas dos rodizeos da *Mindello*, nem a artilheria *Royal Tar* de calibre superior á da fragata fizeram vacillar as guarnições dos navios que Soares Franco commandava, e que pelo contrario recebiam os vapores lançando foguetes e dando vivas á Rainha.

Dirigiam-se os vapores para a popa da fragata, mas ao aproximarem-se, o *Royal Tar* e o *Porto* foram recebidos por dois canhões obuzes de 32, que montados como guardas leme, se desmascaram no momento em que elles contavam enfiar a fragata com fogo de coxia. Pouco depois a fragata poude governar em razão de ter refrescado ligeiramente a aragem, e orçando deu a banda aos vapores fazendo-lhes fogo por brigadas, e causando-lhes algumas avarias.

Seguiram os vapores para a prôa com fim de atacarem o brigue, separando-o da fragata.

Percebeu-lhes Soares Franco o intento e ordenou immediatamente ao brigue que arribasse arribando tambem a fragata e offerecendo de novo o travez aos vapores, continuou sobre elles o fogo com toda a elevação, porque era curto o alcance da sua artilheria e já se distanciavam os vapores caminhando lentamente ao rumo de nordeste.

Difficilmente obedeciam á manobra a fragata e o brigue por ser, como ficou dito, fraquissima a aragem; mas cerca do meio dia, refrescando um pouco mais, os dois navios com seu panno enfunado podiem já governar e manobrar.

O vapor *Porto* deitou então ao rumo de norte, seguindo-se-lhe o *Royal Tar* e o *Mindello*.

Estava terminado o combate conservando-se porém os vapores á vista por barlavento, e muito distanciados, até que ás quatro horas da tarde demandaram a barra. Não tendo podido vencer a fragata quando as circumstancias lhes eram favoraveis menos a venceriam quando ella podesse obedecer promptamente á manobra.

Fôra vivo o fogo de parte a parte cruzando-se as balas por entre as mastreações e cauzando avarias nos apparelhos. Uma bala passou junto do logar que Soares Franco occupava durante o combate, no momento em que elle se affastára para dar uma ordem.

Se nos vapores houvesse bons artilheiros, é provavel que os dois navios de vela tivessem importantes avarias e as suas guarnições muito baixas; mas as tripulações dos vapores eram ao que parece muito heterogeneas, nem de outro modo se explica o não terem elles aproveitado todas as vantagens que lhes davam o motor, a artilheria que amontavam, a melhor que então se conhecia, e as favoraveis circumstancias da calma que, tirava aos navios de vela um dos grandes elementos de combate, a facilidade de movimentos.

Se o vento soprasse um pouco mais fresco, ou antes se houvesse vento, é provavel que os vapores não tivessem sahido a barra, ou se tal fizessem, que Soares Franco, tivesse abordado um d'elles.

N'este cembate estavam em presença dois elementos navaes differentes ou melhor diremos duas differentes marinhas.

Uma pertencia ao passado, era a representante de antigas e gloriosas tradições; a outra, apenas nascida vinha transformar os preceitos e as regras da velha tactica naval. Em presença dos antigos navios de vela com as suas curtas caronadas, estavam os navios de vapor armadas de canhões obuzes de calibre relativamente grande. Mas nem sempre os mais novos elementos de combate dão os melhores resultados na acção. A pouca confiança que inspiram emquanto o tempo e a experiencia os não tornam perfeitamente conhecidos, fazem nascer hesitações e receios por vezes infundadas. Outras vezes encontram a oppôr-se-lhes a energia de um homem provado valor militar.—Em Molile, Farragut, commandando alguns mas poucos navios de madeira forçou a entrada, apezar de defendida por tropedos e por dois navios couraçados. Além de que se os vapores de rodas tinham a grandissima vantagem de poderem vencer, uma antiga nau de linha, arriscavam-se tambem, se uma bala lhes causava avaria nas rodas, a ficarem inactivos, á mercê de inimigos, e para usarmos da phrase de Lulier, como Polyphemus sujeito aos insultos dos mais insignificantes insectos.

Estas preoccupações tinham-as por certo os officiaes que commandavam os vapores da junta do Porto, e isto dizemos sem por fórma alguma pormos em divida a sua bravura·

Não era a morte que os fazia hesitar era o receio de verem inutilisados os navios em que contavam transportar para Setubal a expedição, que se bateu depois no Alto do Vizo.

Mas se fazemos a devida justiça aos tripulantes dos vapores que a junta do Porto tinha ao seu serviço, não podemos deixar de a fazer tambem aos officiaes da fragata *D. Maria* e do brigue *Douro* e principalmente ao capitão de fragata Soares Franco, que apesar de reconhecer as vantagens que os vapores podiam ter sobre os navios que elle commandava, com animo resoluto se preparou para a acção e soube communicar a sua coragem áquelles que commandava. Não evitou o combate, antes o provocou.

Que Soares Franco era intrepido e bravo como poucos attestam-n'o os seus feitos militares desde a Terceira até ao Porto, ao Rio da Prata e a Ostende.

P. D.

Sciencias

A CULTURA DO TABACO NO DOURO

A deploravel situação dos agricultores do Douro, devida á molestia das vinhas, fez originar o ensaio da cultura do *Tabaco*, como sendo o meio mais prompto de attenuar o mal proveniente das necessidades imperiosas da alimentação d'esses povos.

Effectivamente, a cultura do *Tabaco* seria emprego util a grande numero de pessoas, se o terreno destinado ás vinhas podésse ser utilisado para esse fim. Infelizmente, esses montes escarpados e de solo schistoso e secco, produziriam ricas uvas ou azeitonas; mas são muito improprios para a cultura do *Tabaco*, por cujo motivo estes ensaios só podem ser feitos em terrenos que já eram cultivados por outras especies de productos necessarios á vida, e os quaes representam um valor que só póde ser compensado por interesses muito avultados da cultura do *Tabaco*.

D'estes ensaios, só sabemos de positivo que são acompanhados de tantos regulamentos fiscaes, que afugentam os cultivadores.

Nós não comprehendemos como, sendo esta concessão da cultura do *Tabaco* um acto benemerito em soccorro dos infelizes, lhes seja vedado o seu gozo por meio de tributos pesados. Entendemos dever caber ao Estado o sacrificio necessario ao desenvolvimento d'uma industria nacional, e estamos convencido que, se assim fosse determinado por aquelles que dirigem os destinos d'este paiz, poderiamos ser grandes exportadores de *Tabaco*.

Está-nos parecendo que esses terrenos, onde hoje se cultiva o *Tabaco*, poderiam tambem produzir chá, pois que este se aclimou na India d'um modo tal, que chegou a produzir 1.300:000 arrateis no anno de 1883, e se cultiva hoje em grande escala na America do Norte.

Parece-nos, pois, que deveriamos experimentar a cultura do chá preto, cuja manipulação é bem simples, e não estariamos sujeitos a fiscalisações: ficaria ao alcance de todos que tivessem terreno apropriado.

Eis o nosso alvitre; e muito estimariamos que elle fosse d'alguma utilidade em favor dos infelizes agricultores do Douro.

A. DE LA ROCQUE.

Arabescos e Miniaturas

CARTA DO BARÃO DE *CAR-AMEL* A' VISCONDESSA DE *LOS-LIA*.

Ex.ma Viscondessa. — Principio por dar a v. ex.ª uma tristissima noticia. Fallo serio e muito serio.—Falleceu em Santarem no dia 29 de maio, o sr. Francisco Canavarro, general de divisão, posto este a que havia sido promovido ha dois mezes, se tanto. Contava o illustre general 79 annos de idade e 62 de serviço. Fora promovido a alferes em 1832 e a coronel em 1867. Commandou cavallaria 6, em Chaves organisou depois o n.º 7 em Torres Novas. Commandou cavallaria 4 em Santarem, sendo em seguida transferido para lanceiros da Rainha, que commandou exemplarmente em Belem durante 7 annos, a contento dos superiores e o melhor agrado dos inferiores, reconhecendo uns e outros a inteireza, a dignidade, a justiça e imparcialidade de tão distincto commandante, que se impunha e tornava respeitavel pela sua ascendencia, pela sua figura, pela sua estremada delicadeza, pela austeridade do seu porte; e pela sua pouco vulgar dignidade e fino tracto; não descendo nunca (nem mesmo a conhecia) á *chalaça das baquetas nem ao calão das cocheiras, que a outros tem atirado ao redículo e á abjeção*..

Durante o seu commando o regimento de lanceiros da Rainha foi sempre disciplinado e respeitoso como respeitosos e desciplinados foram sob suas ordens os regimentos de cavallaria 4, 6 e 7, porque s. ex.ª sabia ser commandante desciplinador e guardava as necessarias e devidas distancias, ao mesmo tempo era amigo dos seus officiaes, a quem dispensava todas as considerações, a que tinham direito, e d'ellas se tornavam merecedores; tinha na verdadeira conta os officiaes inferiores e não olvidava o bem estar dos seus soldados.

D'aqui o maior respeito, toda a consideração, differencia e estima para com o commandante.

Promovido a general de brigada em 1877 foi-lhe confiado o commando da sub-divisão de Chaves; a de inspeccionar varios corpos, e a de presidente da remonta de cavallaria, havendo-se, em todas, como de esperar era da sua competencia, inteireza e regidez. Nascera para morrer, morrer; não ha fugir-lhe. *Sic tranzit gloria mundi.*

Sentindo, como amigo, a morte do illustre general, que tinha os respeitos e sympathias dos seus camaradas, envio a s. ex.ª e extremoza familia a expressão do meu pezar.

Depois d'isto divaguemos, ex.ma viscondessa. *Neque semper lacrimae.*

Passaram as festas, que diga-se a verdade, já iam tornando-se epidemicas. Festas por tres ou quatro dias agradam e divertem; a mais, e para 8 ou 10, enfastiam e aborrecem mesmo, se não a todos, ao maior n.º dos hospedeiros e hospedes; pois que olhando-se já então para as bolsas veem-se vazias ou de filleiras unidas, o que de certo não é para fazer arregalar o olho; e se, de *refuerço a murillo*, vem uma, duas trez e mais dattas d'agua de entrar pelo pescoço e sair aos canos das botas, cazo que se deu em Lisboa no dia 30 de maio, é então para se dar ao diabo a *trovoada festival*.

Das festas do consorcio do nosso sympathico principe D. Carlos com a, igualmente, simpathica princeza de Orleans, nada direi a v. ex.ª que d'ellas terá inteiro conhecimento, sendo certo que todos os jornaes, sem distincção de côr politica, nem formato ou dimensões, as teem noticiado profuzamente. Da decoração do magestoso templo de S. Domingos, em que se celebraram as serimonias, nada direi tambem por aquelle mesmo motivo; do que são os palacios d'Ajuda, de Belem e das Necessidades, das suas decorações, da riqueza e do fausto, que alli ha, nada direi a v. ex.ª, em primeiro logar, porque reconheço a minha incompetencia para o fazer devidamente, e em segundo, porque á imprensa nada tem escapado, e dito tem tudo. Do fogo da Avenida direi, que deixou muito a desejar, se é que não foi mesmo uma, não direi burla, mas caçoada ao publico; emquanto que o do Tejo esteve explendido e imponente. Da parada não fallo, porque na verdade nem mesmo sei o que deva dizer—foi uma parada como outras muitas, que temos visto, e que não offereceu novidades; muitos chapéos armados, uns com plumas, outros sem ellas; muitas barretinas velhas e capacetes novos, mais ou menos empenachadas aquellas e estes; muitas *japonas (camisollas ou velusas)* que *japonas*! muitas botas e muitas polainas; muitas fitas a tiracollo, muitas fivellas, muitas medalhas; muitos generaes caducos; poucos com algum vigor; muitos officiaes superiores corcundas e amarranados; alguns (muito poucos) vigorosos; e, d'estes para baixo, muitos que, decerto, padecem dos callos; mas o maior numero rapazes bem tirados das canellas, altos, direitos, delgados, bonitas figuras, dando na vista a nacionaes e estrangeiros pela sua galhardia, e que pena é, quererem avançar e não poderem, por terem a estrada obstruida...

Notou-se muito que fosse necessario chamar-se a toda a pressa o 2.º commandante da 3.ª divisão militar, o sr. Malaquias de Lemos, para commandar a brigada de cavallaria, quando em Belem está um general da arma de cavallaria. Notou-se ainda mais, que este não fizesse parte do estado maior acompanhando El-Rei, que acompanhado foi até pelos coroneis de varios corpos de cavallaria, e pelos que pertencem ao estado maior da arma; e não se notou menos, que elle não apparecesse nos cumprimentos, nem nos bailes do Paço de Belem, nem d'Ajuda. O que é verdade é que ninguem o viu. Estaria doente? Talvez. Não teria fardamento? Póde ser.

Lisboa, 3 de junho de 1886.

Barão de Car-Amel.

AS TRANÇAS DA CONDESSA

A condessinha era uma d'estas creaturas que amam desde os dezoito annos o burburinho das salas e o redemoinho doido das valsas; que preferem a ociosidade dos grandes divertimentos ao abençoado socego do lar, onde ella conservava—como utensilios indispensaveis ás exigencias da moda—o toucador e os elixires perfumados de envolta com as sedas ricas dos vestidos...

Casada e ainda esbelta, com todo o frescor da primavera, rica de bens e de formosura, entrava nas assembléas e nas grandes reuniões impondo-se aos olhares curiosos de todos os cavalheiros do *sport* e de todas as meninas da grande roda, que a miravam invejosas da sua belleza peregrina e dos seus collares de perolas, faiscando lume.

O conde, um paciente marido, muito carinhoso e muito desvellado para todos os caprichos da condessinha—que elle adorava todo baboso—acompanhava-a a toda a parte, muito grave na sua sobrecasaca e nos seus collarinhos lustrosos. Tinha uns certos ares de general em chefe quando a acompanhava, porque sabia que era invejado como marido feliz, e que alem d'isso era talvez só elle quem sustentava o formidavel ataque que todos dirigiam ao socego do seu matrimonio.

Entrando em qualquer reunião, o conde comprimentava o dono da casa, offerecia-lhe os seus respeitos; depois continenciando gravemente para todas as senhoras que vinham assistir áquellas festas de familia, o conde retirava para a sala do jogo, descalçando as luvas, e por lá se entretinha até que o piano se calasse de todo para deixar ouvir o relogio da sala que batia vagarosamente a hora fatal da despedida.

Levantava-se então, despedia-se dos parceiros do voltarete dava o braço á condessa, e entrava na carruagem que o conduzia á casa onde ia descançar a sua indolencia feliz...

Tinha uma visita quasi diaria: o Alfredo, um poeta de grandes lunetas, cabello em desalinho, com a roupa muito escovada lendo sempre a *Illustração*, que estava sobre a meza do piano; a condessinha costumava amenisar a leitura do jornal com algum trecho de musica de Bellini, de Mozart, que o Alfredo amava muito... Alguem que interrogasse a condessa sobre o Alfredo, era vêl-a dissertar ácerca das suas maneiras delicadas, o seu talento, o seu porte, a consideração em que elle era tido no grande mundo —que apontava já o Alfredo como um aventureiro de saias, que fazia versos cheios de doçura e mysterio, que os apaixonados recitavam melancholicamente pelas salas.

O Alfredo, o poeta sentimental, tinha colhido uma posição invejavel no coração da condessa; a sociedade murmurava já emquanto elle escrevia no album da condessinha as producções lyricas da sua imaginação.

Nos bailes e nas grandes reuniões, emquanto o conde jogava o voltarete sentado á meza na amigavel convivencia dos seus parceiros, Alfredo, cá fóra de braço dado á condessa, sempre com sorrisinhos mysteriosos e beliscões ás escondidas, passeava pela sala ou dançava...

Havia meninas que se acotevelavam, mordidas de inveja, quando a condessa—que até começava a parecer mal!...—dirigia galanteios amaveis ao poeta das tranças, áquelle poeta «lambisgoia» que só sabia cantar jasmins e magnolias... A raiva espalhava-se pelo coração d'algumas meninas melindradas que murmuravam d'uma intimidade, impropria certamente d'uma mulheer da grande sociedade e na posição da condessa: casada, vivendo sempre bem na companhia do marido que a adorava, não lhe ficava muito bem andar por casas alheias, vangloriando-se—em companhia do poeta—d'aquelle escandalosinho que irritava...

O Alfredo todavia, muito superior a todos esses reparos alheios e não attendendo nunca ao segredar das pessoas extranhas, continuava muito naturalmente frequentando a casa... do conde, de quem era amigo particular. Succedia algumas vezes que este não estava em casa; então o poeta, fazendo-se todo cerimonioso, perguntava para o criado em voz alta:

— Pode-se fallar á sr.ª condessa?

E logo uma voz dôce e bem timbrada se fazia ouvir na sala proxima mandando-o entrar, e rindo-se interiormente das cerimonias descabidas do Alfredo... Amavam-se! A condessa esperava-o na sala do piano, vestindo despretenciosamente com os seus cabellos caidos em duas grossas tranças pelas costas abaixo; um sorriso meigo e encantador aguardava a entrada do poeta... *lombisgo*, que só sabia cantar jasmins e aspirar o perfume das mognolias.

Fallavam dos theatros, das reuniões do visconde, apontando *toilettes* e criticando *menus*... Sorriam devagarinho; e pouco depois a condessa, queixando-se de uma dôrsinha de dentes, levantava-se de manso para ir fechar a porta da sala d'onde vinha um vento muito fresco que lhe fazia mal. Alfredo, n'uma contemplação babosa, olhava as tranças do cabello da condessa, tão bonitas, tão pretas que manchavam a brancura do chambre... e a condessinha, córando, escondia o cabello debaixo da mantilha, quando o via contemplar as suas tranças.

O Alfredo no entanto que a amava deveras e que a todo o instante se desfazia em elogios para as tranças da condessa, achava que ella tinha segredos e mysterios no seu cabello, de que elle não gostava; queria que ella fosse franca com elle que não se recatasse ao contar-lhe as scenas mais intimas e ao mesmo tempo lhe entregasse com a maior sinceridade a chave de oiro dos seus segredos, onde ella lia os seus acontecimentos mais intimos e mais encantadores que uma imaginação de poeta *hors ligne* pode abranger.

A condessa, por via da grande affeição que Alfredo lhe inspirára e que ella nunca tinha experimentado, esforçava-se por satisfazer os seus pequeninos caprichos, relatando-lhe a miudo os incidentes de todos os dias, as scenas mais simples e menos importantes da sua vida; mas... as tranças eram um mysterio!

Quando Alfredo a interrogava, reparando insistentemente no desalinho despretencioso dos cabellos, ella córava de pejo, e dizia-lhe muito docemente, com muitas caricias, que não fosse mau, reprehendendo a sua innocencia e castigando com uma lagrimasinha a curiosidade do poeta. Elle cedia... Mas que segredo encerrariam as tranças da condessa? !

Um dia houve jantar no campo ao ar livre, debaixo da frescura dos bosques, á sombra das arvores, ouvindo os passaros alegres chilreando os seus cantares melodiosos... A condessa fazia annos. Muitos convidados em *toilettes* ligeiras apeavam-se ao pé da fonte para assistirem aos annos da condessa. Havia grande enthusiasmo; no rosto de todos percebia-se uma extraordinaria alegria: os bons ares do floresta refrescavam...

Eram cinco horas da tarde; a meza estava posta; os criados n'uma grande azafama caminhavam em todos os sentidos com grandes aventaes caidos do pescoço; o conde dava ordens. Chegou a hora de jantar; os convidados apressaram-se a tomar os seus logares. A condessa, alguma coisa triste, notou a falta do sr. Alfredo; todos então reparam n'isso; trocando-se olhares meliciosos entre os circumstantes, emquanto o conde já sentado á cabeceira da meza lembrou que talvez se esquecesse, e por isso...

—... toca a jantar—disse elle— Uma menina muito tagarella que gostava de desfructor o bom humor do conde, observou-lhe ao ouvido.

— Naturalmenie o sr. Alfredo esqueceu-se no caminho, e ficou a olhar para o céu a compôr algumas quadras para offerecer á condessa...

O conde sorriu da chalaça.

Poucos momentos depois, Alfredo chegou—montado n'um soberbo alazão, comprimentando a distancia muito cortezmente e pedindo desculpa da sua demora.

— Tinha-se notado muito a sua falta, sr. Alfredo—disse a condessa sem levantar os olhos da meza.

— Estive compondo alguns versos dedicados ao segredo das tuas tranças—respondeu elle muito baixinho ao ouvido da condessinha.

O jantar correu animado, em uma grande intimidade de familia, em que eram perdoados os ditos frescos do conde, muito innocentes e muito cheios de pilheria. No fim as garrafas estalavam por todos os cantos da meza; e a condessinha, que fizera signal a Alfredo para que se sentasse junto d'ella—o que elle cumpriu—bebia com enthusiasmo grandes taças de vinho, com certos modos *coquettes* de mundana recatada.

Houve discursos aos annos da Condessa, brindes muito applaudidos, mas todos os que se achavam presentes esperavam com grande anciedade pela recitação do Alfredo, que não se fez demorar. Fallou nos annos da condessa, cantou quasi heroicamente a nobreza dos seus sentimentos, e... depois, com certos ares mysteriosos, fallou nas tranças; a condessa sorria, já muito corada do calor do champagne; tinha as faces afogueadas, a mantilha caida pelos hombros, as pernas cruzadas n'uma indolencia extravagante tinha arrebatamentos de gargalhadas muito vivas, muito fortes; e no fim da poesia do Alfredo, tolda-se-lhe a vista n'uma indecisão de loucura, e cae sobre a cadeira com um pequenino *fanico* de fraqueza.

Todos os convidados se esmeram em apresentar os seus cuidados á condessinha: que é, que foi? Alfredo deixa-se cair dos céus, onde tinha subido arrebatado pela sua imaginação, e correndo depressa á fonte proxima trouxe um copo de agua para refrescar a cabeça da condessinha, que se movia na cadeira muito cançada e muito pallido. Quando Alfredo se preparava para molhar o cabello da condesssa, levantou com geitinho as tranças pelas pontas e veio-lhe a cabelleira agarrada aos dedos...

A condessinha usava chinó!

GERVASIO GAMA.

BEM VINDA!

Bem vinda do patrio Sena
Seja a princeza formosa!
Brada a turba jubilosa
'Nesta quadra tão amena
Com deliro festival:
Ditosa seja a aliança
Que lhe dá, em vez da França,
Nova patria em Portugal!

Saudamos-te, princeza,
Futura mãe e rainha,
Que desdobrarás a linha
Da succesão portugueza
No recondito porvir:
Assim possa a magnitude
De tua muita virtude
Na regia prolo florir!

Exemplos de imensa gloria,
Da nova patria, que é tua,
Eternos os perpetúa,
D'outras rainhas a historia
Com vigoroso pincel;
Ao longe na prisca edade,
Has-de ver que a santidade
Levou ao ceu Isabel.

Has de ver que foi modêlo
A esposa de João primeiro,
Seguindo sempre um roteiro
De virtude em santo zelo,
De fé viva em puro amor,
Nos brios da honestidade,
No culto da caridade,
Das angustias no valor.

Na esposa de Affonso quinto,
Que tipo de soffrimento,
De acerbo e duro tormento!
Que porte nobre e distincto,
Sem lamentos, sem um ai,
Ao ver a intriga rasteira
Nos campos d'Alfarrobeira
Assassinar-lhe seu pae!

Exemplo de amor profundo,
De coragem na desgraça,
Has de ver como se enlaça
Na esposa de João segundo,
Victima de enorme dôr,
Que, perdendo esposa e filho,
Deu á egreja maior brilho,
Deu ás lettras mais favor.

Mais áquem na galeria
Famoso vulto aparece,
Que nosso culto merece,
A infanta D. Maria,
Filha d'el-rei Dom Manoel,
Que por amor á sciencia
Trocára a magnificencia,
O esplendor de docel.

Deixemos Dona Luiza,
Tronco d'esta dinastia,
Que fôra conselho e guia
Do feito que a eternisa
Na famosa acclamação,
Para ver, em nossos dias,
Cimentar em obras pias
De Estephania a devoção.

Dona Maria segunda
Cantempla tambem, princeza;
N'ella has de ver a grandesa
Que sua gloria circumda;
N'ella um modelo a imitar;
N'ella a mãe estremecida,
Que na lucta fratricida
Soube soffrer e amar.

Do Anjo da Caridade,
De bravos heroica filha,
Has de ver como rebrilha
Em favor da humanidade
Com louvor o nome seu;
Segue-lhe os passos *princesa*,
Funda a tua realeza
Nas bençães do povo teu.

Já esplende viva aurora,
Funda a ideia mundos novos!
Os reis dependem dos povos,
Desabam crenças de outr'ora,
Surge além melhor porvir!
Reis de direito divino
São ficção e desatino,
Que já não póde existir.

Acode com mão robusta
A quem na miseria gema;
Faz d'amor o diadema.
Que te cinja a fronte augusta,
Cubra teu manto real
Ao orfansinho obscuro,
Porque sejas no futuro
Nova gloria a Portugal;

Porque oponhas forte dique
Ao bater da vaga ingente,
Que já não é maura gente
Contra as espadas de Ourique;
São doutrinas de Jesus
Em favor da humanidade,
São gritos de liberdade,
Ondas de ideias e luz.

Evora. A. F. BARATA.

PUBLICAÇÃO A PEDIDO

SONETO

AO MEU MESTRE E AMIGO PARTICULAR,
SR. PADRE FRANCISCO MARQUES DINIZ

Ao som de grossa chuva que cahia,
E de vento ruidoso, sibilante,
Occorreu-me uma ideia extravagante:
Lembrei-me de compôr uma poesia!...

Os quatro cantos da *casa* eu percorria,
Em procura d'um assumpto assaz galante;
Chamava pelo estro a cada instante,
E cem vezes na testa, em vão, batia.

Era noute: julgando mais prudente,
Mais favoravel, tambem, a poesia,
Metti-me entre os lençóes, commodo e quente.

E ahi mesmo, voltas dando á fantasia,
Veio-me um somno teimoso e impertinente,
Que só vim a acordar no outro dia!

M. Lopes.

Decifração do logogripho do numero 3:493—*Amortecido*.

CHARADAS

N'elle existia
O Deus eterno
Antes do mundo,
Antes do inferno.—1

Oh! quem me dera
A sua sorte,
Quando de Amelia
Na lisa trança
Lhe enfeita o porte!—2

CONCEITO

Tu, do pescado motora,
Tu, preversa, a quem devemos
Os martyrios que soffremos,
Por tua voz seductora!!!
Seja a tua condição
De rojo andares no chão.

M. Lopes.

2.ª

A minha primeira
Se diz da segunda.—2
A minha segunda
E' que faz a primeira.—2

CONCEITO

Tirolé, olé, olé;
Tirolé, Maria, olé;
Vae na quarta,
Vae na quinta,
Vae na arca de Noé.

M. Lopes.

Bibliographia

—«*A Obra*, por Emilio Zola.

Eis-nos na frente d'uma grande celebridade! Emilio Zola é o cerebro mais eminente da geração actual. Ha n'este nome alguma coisa que assombra e embriaga ao mesmo tempo. Reflecte-se n'elle uma vibração ardente, elevada, que subjuga extasiando-nos. N'este nome formoso rugem tempestades e perpassam calmarias, fulminam raios e brincam sorrisos; tem crepusculos e alvoradas, tristezas e alegrias, gritos de dôr e suspiros de allivio: um amalgama enorme de tudo que existe de mais alto e de mais inferior, mas sempre admiravel, opulento—um assombro emfim!

A sua *Obra* é um trabalho verdadeiramente sentido, palpado evidentemente. Representa-se ahi toda a vida heroica d'essa explendida bohemia artistica e litteraria de Pariz.

A nossa vista absorta, profundamente impressionada, percorre n'uma avidez desenfreada essas paginas de luz onde se encadeiam acções d'um colorido tão verdadeiro, e os personagens se movem em uma realidade tão natural e tão simples.

Que surprehendente luctador, Claudio! E' o grito revolucionario e santo que rebenta no meio do velho *Salon*, esmigalhando a vaidade estulta, o valor falso de milhares de infelizes.

A' volta do seu *Ar Livre* a matilha raivosa uiva n'uma irritação feroz. Nada, porém, conseguem: é o genio que na sua manifestação mais ampla e arrojada escangalha a inveja hedionda. Que de rancores não se ateiam! que de falsas ideias não vociferam! E' uma lucta renhida, gigantea que se trava.

E no meio de tudo isto erguendo-se varonilmente duas figuras superiores: uma, Sandoz, o amparo bom, o mediador amigo e justo, e tambem um luctador altivo, é o sol que espalha em torno todos os afagos d'uma quentura morna. A outra, Christina, o sacrario de dedicação intensa, infinita, é o orvalho puro e doce que refresca o ardor d'uma alma singular —um vulcão!

A traducção portugueza d'este esplendido livro é esmerada e fiel. Observa-se que da parte do traductor houve um apurado escrupulo na escolha dos termos, e uma comprehensão intima do original. E isto é para louvar, quando quasi todas as traducções que por ahi se veem parecem feitas a martello.

Ao sr. Manuel Rodrigues, nosso estimavel collega portuense, agradece, pois, esta Redacção a gentileza da sua offerta.

—«*O Anno Christão*, ou exercicios devotos para todos os dias do anno, pelo padre João Croiset, da companhia de Jesus; versão portugueza de Dias Freitas, professor do Collegio da Formiga.

Recebemos a caderneta 11 d'esta magnifica publicação, que agradecemos.»

—«*A Bandeira Portugueza.*—Recebemos o n.º 207 d'este excellente jornal. Publica o primeiro capitulo dos celebres escandalos da policia civil de Lisboa, o qual tem por titulo: *O sr. Peito de Carvalho*. Na secção artistica, vem a conclusão da bonita walsa para piano, *Primeira inspiração*.

Assignatura, trimeste 700 réis. Assigna-se na rua dos Fanqueiros, 207, 1.º —Lisboa.»

—«*A Estação*, jornal illustrado de modas para as familias. Publicou-se o n.º 1.º de junho.

Summario: Chronica da moda.

Gravuras: Toilettes para passeio—Vestidinho de crochet com abertos, para meninas—Costume com corpo jaqueta, para menina de 12 a 14 annos—Chapeus redondos, de palha—Visita com mangas largas—Murça para senhora nova—Toilette guarnecida em fechú—Toilette com fechú de crepe bordado—Visita curta, guarnecida de bólas—Laço de fita para guarnição de chapeu—Toilette para creança e para meninas—Mantilha com bofe de renda—Capotas—Vestidinho guarnecido de rendas, para menina—Costume com arregaço duplo—Toilettes para passeio e caseiras, para senhoras e creanças—Guarnição de passamanarina, para vestido—Costume com arregaço em avental—Costume com chale arregaçado—Espaldeira de canapé, Tapetes, Guarnições, etc.

Um figurino colorido representando: Toilette para passeio—Manto com murça, para creança—Vestidinho para baptisado—Costume de Cambraia de seda para menina.

Supplemento. Moldes, differentes modelos de bordados e iniciaes.»

—«*Açafate de costura.*—Recebemos o n.º 10, da 2.ª série, d'este magnifico jornal que contém o seguinte summario e explicações:

Secção de lettras—1—7—Continuação do alphabeto gothico germanico maiusculo. 2—3—4—5—Continuação de mais alphabetos em tamanhos desiguaes e da mesma fórma e feitio. 6—8—14—Tres monogrammas um dos quaes a pedido d'assignante. 10—Pequena corôa bordada para applicações. 10—17—Continuação do abcedario bordado a ponto d'armas. 12—Quarta lettra d'outro alphabeto para bordar a branco. 9—13—Outro abcedario bordado a branco muito simples e bonito. 18—19—O mesmo em tamanho maior.

Secção de bordados—1—Canto executado com fita ou vidrilho ou de qualquer outro modo, para muitas applicações. 2—Pequeno ramo bordado a branco ou matiz. 3—Passatempo para bordar a capricho. 4—Grande entremeio de crochet, estylo renascença; a guarnição começada d'um lado deve tambem fazer-se do outro; esta póde ser assim ou d'outra fórma. 5—Guarnição de soutache para diversas applicações. 6—Guarnição bordada a branco e orlada de renda. 7—Centro de jardineira bordada a matiz ou lãs sobre tecido escuro. 8—Guarnição para *visites* bordada a soutache de seda vidrilhos. 9—Pequeno ramo bordado a matiz e outro para registo de livro de missa, etc. 10—Bonita guarnição bordada a branco para penteadores etc., etc. 11—45—Bonitos cantos para lenços de bolso bordados a brando. 12—Guarnição de fita de velludo para saiotes, etc. 13—Outra guarnição para bordar a branco. 14—Pala de sapato para senhora bordado a lãs ou retroz d'Argel, desenho antigo e elegante.»

—«*A Moda Illustrada.*—Recebemos o n.º 179, correspondente a 1 de junho. Os figurinos das ultimas novidades, coloridos e a preto, os modelos de chapéus, e grande variedade de desenhos são de muito bonito gosto. A parte litteraria, variada e interessante.

Assigna-se na casa editora de David Corazzi, rua da Atalaya, 40 a 52. Numero avlso 200 réis.»

—«*O Elegante.*—Distribuiu-se o n.º 36 correspondente ao mez de junho. E' um jornal de modas para homens e creanças muito recommendavel pela variedade e bom gosto dos figurinos que publica e pelo interesse da parte litteraria, que demais é esmeradamente redigida.

O Elegante assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 40 a 52. Cada numero avulso custa 400 rs.»

— Em numero proximo fallaremos sobre as seguintes obras, cuja amavel offerta agradecemos:

A Noiva, O Duque de Vizeu; dramas em verso do distincto poeta portuguez, o sr. Lopes de Mendonça.

Patria; discurso do revd.º conego Alves Mendes.

A Illustração de la Mujer, y Revista de Modas y Salones; explendida revista quinzenal, hespanhola, que se publica em Barcelona, e de que é digno redactor e proprietario, o sr. D. Pedro Rigual Alayo.

Agricultura Contemporanea; revista agricola e agronomica.

Carta á Princeza D. Amelia; folheto de *um archeiro da guarda real*.

Cartão de Visita; revista litteraria, portuense.

Jornal de Horticultura Pratica; revista agricola-horticola, portuense.

Parte Official

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 1

Annuncio de estar aberto concurso, pelo praso de 30 dias, para o provimento do logar de professor da escola annexa *á escola normal de 1.ª* classe para o sexo masculino, na cidade do Porto.

Portaria mando abrir concurso, perante o arcebispo de Braga, para o provimento da parochia de Louredo, no districto de Vieira.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Annuncio de estar aberto concurso, pelo praso de 30 dias, para o provimento do logar de recebedor da comarca de Mirandella.

Diario de 2

Concessão de differentes mercês honorificas pelo ministerio da fazenda.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Portaria determinando as providencias necessarias para o cumprimento do decreto sobre as execuções fiscaes.

Telegraphia

Madrid, 2. — Partiu hontem para Lisboa o ministro de Portugal n'esta côrte.

New-York, 1.—Um cuter das alfandegas americanas embargou a barca hespanhola *Clotilde* por infracção do regulamento de pesca.

Paris, 1.—Diz o *Figaro* que o conde de Paris esperará no castello de Eu a ordem de expulsão, caso seja votada, e que dirigirá então um manifesto ao paiz, retirando-se para a Suissa.

Os ministros reunidos esta manhã resolveram a respeito das declarações que têm a fazer no seio da commissão respectiva sobre a expulsão dos principes.

Madrid, 2.—Senado—O ministro dos negocios estrangeiros, sr. Moret, apresentou o modus-vivendi commercial hispano-inglez.

Segue para Roma o cardeal patriarca de Lisboa.

Continua no mesmo estado grave o conde de Xiquena.

Roma, 1.—Houve hontem em Veneza 32 casos e 12 obitos do colera.

Em Brindisi, tambem houve hontem mais 3 casos e 1 obito.

Constantinopla, 2.—Em consequencia dos despachos recebidos de Athenas, e das explicações dadas pelo sr. Condouzioti, ministro da Grecia junto á Sublime Porta, considera-se terminando o incidente grego-turco.

Paris, 1.—Proximo de Marselha houve hontem um choque entre dois comboios do caminho de ferro. Ficaram feridas 15 pessoas, 5 das quaes gravemente.

Londres, 2.—Esta noite na camara dos communs o sr. Chamberlain disse que rejeita por insufficiente a emenda relativa aos representantes irlandezes no parlamento imperial, e declarou que o bill do *home rule* não seria a solução final da questão da Irlanda, acrescentando que receia que as exigencias dos autonomistas vão assim redobrando todos os dias, e por isso votará contra a segunda leitura do bill. Teve depois a palavra o sr. Sexton, que defendeu o projecto do sr. Gladstone.

Paris, 1, á noite.—A camara discutiu hoje a tomada em consideração das propostas dos srs. Michelin e Planteau, intransigentes, pedindo a abrogação da lei de 1802, que regula as relações da Egreja e do Estado.

O sr. Goblet, ministro dos cultos appoiou a tomada em consideração, por intender que é necessaria a discussão para se conhecerem as opiniões do paiz a tal respeito. A camara votou afinal a tomada em consideração por 297 votos contra 250, e addiou os seus trabalhos para segunda-feira.

Assevera-se que no conselho d'esta manhã se fez um accordo entre os ministros sobre um projecto transaccional que estatúa a expulsão dos pretendentes em linha directa, por via legislativa, deixando salvo ao governo o direito de conceder ou negar aos outros principes a residencia em França; o governo, porém, não tomaria a iniciativa d'este projecto, mas sim acceital-o-ia se a commissão o propozesse.

Constantinopla, 2, á tarde.—Em consequencia dos despachos recebidos de Athenas e das explicações dadas pelo sr. Condourioti, ministro da Grecia junto da Sublime Porta, considera-se terminado o incidente greco-turco. E' provavel mesmo que se levante desde já o bloqueio, porque a ultima circular do sr. Dragoumis enumerando as medidas tomadas para o desarmamento do exercito hellenico é reputada uma notificação indirecta do desarmamento.

Londres, 2, de manhã.—O sr. Gladstone disse esta noite á camara dos communs que preferiria a votação do bill irlandez na sexta-feira, mas que não quer exercer pressão sobre a camara, se esta deseja prolongar a discussão. A camara addiou a discussão para quinta-feira. Os jornaes presumem que a votação possa realisar-se n'este mesmo dia. Não faltou á sessão nenhum deputado ministerial.

S. Julião, 3.—Saiu a fragata de guerra hespanhola *Almansa*.

S. Julião, 3.—Saiu a barra o couraçado hespanhol *Navarra*.

Paris, 2.—A commissão encarregada de estudar o projecto da expulsão dos principes, depois de longa discussão, decidiu, por 6 votos contra 5, em tres votações separadas:

1.°—Que a expulsão será obrigatoria;

2.°—Que será geral;

3.°—Que será executada em virtude de uma lei.

Depois d'estas tres votações, a commissão suspendeu a sessão para o seu presidente ir fallar com o presidente do conselho, sr. Freycinet. Este, recebendo o presidente da commissão, recusou tomar qualquer compromisso, e declarou que consultará o conselho de ministros, que deve reunir-se ámanhã.

A commissão proseguiu depois a sessão até ás 5 horas da tarde. Logo que o presidente voltou de fallar com o sr. Freycinet, a commissão passou a elaborar o texto do seu parecer, formulando as tres decisões precedentes.

A commissão voltará a reunir-se na sexta-feira.

New-York, 3.—Celebrou-se hontem á tarde o casamento do presidente da Republica, sr. Cleveland, com miss Frances Folsom.

Madrid, 3.—A *Gaceta* diz que a divida fluctuante hespanhola. no dia 1 de maio, subiu a 82 milhões de pesetas.

Ha grande tempestade em Madrid. Esta manhã cahiu um raio, que matou uma mulher.

Paris, 3.—Como a commissão encarregada de estudar a expulsão dos principes ainda não acabou de formular o seu projecto, o conselho de ministros não póde esta manhã occupar-se do assumpto. Examinará esse projecto quando lhe fôr apresentado.

Suppõe-se, porém, que o gabinete manterá o seu projecto da expulsão obrigatoria e immediata dos pretendentes em linha directa e a expulsão facultativa para os outros principes.

Londres, 3.—Camara dos communs: O sr. Gladstone respondendo ao sr. Hicks Beach, declara que entende que é possivel o escrutinio sobre o *bill* irlandez realisar-se na proxima segunda-feira.

Os parnellistas reclamam que fique para terça-feira.

Roma, 3.—Houve hontem, em Veneza, mais 40 casos e 26 obitos do colera.

Constantinopla, 4.—A nova circular da Sublime Porta, dirigida ás potencias, pede que se levante o bloqueio da Grecia.

Carta de Lisboa

Lisboa, 4 de junho de 1886.

Como por mais d'uma vez lhes disse, o ministerio aguardava o fim das festas para encetar a série de reformas e medidas de verdadeira utilidade publica que tem na mente. Dentro em muitos poucos dias a imprensa terá muito que relatar e o paiz occasião de reconhecer o muito que tem a esperar do ministerio progressista, o qual está resolvido a cortar por todos os abusos—tarefa difficilima que encetou, pois foi hoje á assignatura regia um decreto, por todos os ministerios, declarando sem effeito as nomeações feitas pelo governo de empregados do estado para commissões de serviço, cujo desempenho se torne incompativel com o das funcções dos respectivos empregados. O mesmo decreto estabelece que não sejam abonados em folha os empregados do estado, que forem pares do reino ou deputados, e façam parte de commissões parlamentares, que deixarem por este motivo de exercer as funcções dos seus empregos, excepto quando se prove a effectividade de serviço n'aquellas commissões, e simultaneamente a incompatibilidade d'esse serviço com o dos logares, em que esses deputados estão providos.

— Teve logar na quarta-feira na Tapada d'Ajuda, no recinto do tiro aos pombos, um tiro extraordinario em honra de SS. AA. o principe real D. Carlos e a princeza D. Amelia, e ao qual assistiram, além de SS. MM. e AA., os socios e algumas pessoas por estes amavelmente convidadas. Foi uma festa encantadora que principiou pelas 2 horas da tarde, prolongando-se até ao declinar do dia, isto é, até ás 7 horas e meia. Fizeram-se tres *pulas*, tomando parte na primeira (*pula* de ensaio) o principe D. Carlos e os srs. condes de Villa Real e de Paraty, viscondes de Coruche e do Reguengo, Manuel de Castro Guimarães, Augusto Ferreira Pinto Basto, Sousa, Luiz Oliva, Carlos Luz, Eduardo Barreiros, Carlos Ferreira Pinto Basto, Carlos Marin, e Mutzemberg, sendo o premio (producto das entradas) dividido entre os srs. Carlos Pinto Basto, Eduardo Barreiros e Carlos Marin que abateram, cada um, cinco pombos, com cinco tiros. A segunda *pula* tinha como premio uma elegante urna de prata caprichosamente lavrada, offerecida pela sociedade, e que foi disputada por S. M. El-rei, o principe real D. Carlos, infantes D. Affonso e D. Augusto, e srs. marquezes de la Mina e de Castel Moncaio, condes de Mossamedes, de Ficalho, de Paraty e de Villa Real, viscondes de Reguengo e de Coruche, D. Pablo Larios, Souza, Luiz Oliva, Carlos Luz, Carlos Pinto Basto, Manuel de Castro Guimarães, Carlos Marin, Mutzemberg, Augusto Ferreira Pinto, Bernardo Pindella, Eduardo Barreiros e Croke, sendo afinal ganha por S. A. R. o principe D. Carlos, que é na realidade um atirador de primeira força e notabilissimo. Na terceira e ultima *pula*, que tambem foi ganha por S. A. R., tomaram parte El-rei, o principe D. Carlos, infantes D. Affonso e D. Augusto, e os srs. Larios, conde de Mossamedes, Carlos Luz, Croke, marquezes de la Mina e de Castel Moncaio, Oliva, Barreiros, Manuel de Castro, visconde de Coruche, Augusto e Carlos Ferreira Pinto, Bernardo Pindella, visconde do Reguengo, Mutzemberg, conde de Villa Real, Marin e Antonio de Sequeira (S. Martinho). Sobre um pequeno bufete foi servido um delicado *lunch*. S. M. a rainha trajava elegantemente saia de seda branca com grandes ramagens castanhas, tunica de renda branca, mantelete *gris* claro guarnecido de pennas de faisão, e bordado a *jais* castanho; *capota* de palha *gris* escuro guarnecida de *tulle* da mesma côr e côr de rosa e enfeitada com um passaro verde. S. A. a princeza D. Amelia vestia *toilette de moiré bleu ciel* e *ottomane* branca. *capota* de *tulle* azul e branco enfeitada com pennas brancas.

— O nuncio apostolico dirigiu uma nota ao nosso governo, agradecendo as demonstrações de deferencia que recebeu por occasião do casamento do principe real.

— Uma grande desordem acaba de ter logar entre soldados da guarda municipal e de artilheria.

O policia que estava no sabbado de serviço na feira das Amoreiras prendeu, por suspeitas, uma mulher de vida desregrada. Um soldado de artilheria, que era ha muito seguido por ella, dirigiu ao policia, diz este na sua participação, algumas palavras que o hostilisaram, recebendo por isso tambem a voz de preso. Como elle resistisse, o policia recorreu ao auxilio dos soldados n.os 22 e 7 da 1.ª companhia da guarda municipal de cavallaria. Ora, parece que na conducção para a esquadra, os soldados procederam menos prudentemente, levando o preso aos puxões, a ponto de elle lhes dizer: «Oh camaradas, prendam-me, mas não toquem na farda, porque se offendem a si proprios!» O facto produziu mais ou menos sensação no sitio e occasionou grande aglomeração de povo, a que tambem se juntaram bastantes praças do regimento de artilheria. A policia tratou com toda a prudencia de dissolver os grupos, e quando as cousas estavam mais ou menos serenadas, saiu da esquadra a mulher, acompanhada por um policia e pouco depois o soldado de artilheria com dois dos mesmos agentes e os dois da cavallaria da municipal, sendo seguidos dos numerosos grupos que se juntaram. Os soldados de artilheria acompanharam tambem, e ao chegarem á rua Saraiva de Carvalho, em frente do palacio do visconde de Santo Ambrosio, um grupo de artilheiros saiu da multidão e passando á frente do preso intimou a força a que parasse na intenção de libertar o seu camarada. Então os animos exaltaram-se devéras e começou uma desordem gravissima. Desembainharam-se as espadas, estabeleceu-se a lucta, e o soldado n.º 22 de cavallaria ao jogar uma pranchada a um soldado de artilheria bateu com a lamina da espada de encontro á verga de uma janella, partindo-se o ferro e resvalando a parte que lhe ficou na mão bateu na testa do outro soldado, fazendo-lhe um grande ferimento. Da esquadra do Rato participaram pelo telefone o occorrido para a da rua de S. Luiz, saindo logo d'alli toda a força que estava. Os animos serenaram, fazendo-se a prisão de dois soldados que seguiram pela rua Saraiva de Carvalho. Mas ao chegar proximo da rua de S. Luiz houve nova tentativa para dar fuga aos presos, acudindo aos apitos toda a força da 4.ª companhia da guarda municipal da rua Nova da Estrella, e originando-se então uma verdadeira bernarda, em que os municipaes se tornaram extremamente salientes. De espada em punho e cheios de ferocidade pareciam querer ameaçar céu e terra. Felizmente o sr. capitão Lacueva, da 4.ª companhia da municipal, que tambem veio com a força de auxilio, pôde conter a exaltação dos soldados da municipal, conseguindo não deixar passar pessoa alguma sem que os presos déssem entrada na esquadra. Na refrega tambem ficou ferido o municipal n.º 130 da 2.ª companhia, na occasião em que pretendia desarmar um dos artilheiros, que, como todas as outras praças d'aquelle regimento, tinham sabre. Em frente da esquadra, onde recolheram os presos, aglomerou-se muito povo, que foi dispersado pela policia, sendo alguns soldados que tambem alli se achavam, mandados retirar por alguns sargentos de artilheria que alli appareceram.

Este facto, cujas consequencias podem ser funestas, tem dado assumpto para muitos commentarios, notando-se geralmente a falta de disciplina que está lavrando no exercito.

— Foram mandados apresentar ao commando geral de infanteria para fazerem exame para o posto de general os seguintes coroneis: Arrobas, de estado-maior; Latino Coelho, Andrade Corvo e Craveiro, de engenheria; Gama Lobo e Xavier Machado, de artilheria; Augusto Pinto, de cavallaria; e Domingos Gomes e Botelho da Cunha, de infanteria.

— O principe Amadeu sahiu na segunda feira a barra. S. A., a quem el-rei concedera o titulo de membro da commissão protectora dos Albergues Nocturnos, deixou áquelle estabelecimento de beneficencia a quantia de 2:000$000 reis.

— O couraçado *Italia* e as fragatas hespanholas *Almansa* e *Navarra* partiram hontem.

— Os srs. Hermenegildo Capello, Roberto Ivens e conselheiro Antonio Joaquim do Mattos, apresentaram ao sr. ministro da marinha uma proposta para a construcção do caminho de ferro de Mossamedes ao Bihé. A primeira secção irá do littoral atè á base da serra da Chella; a segunda até Caconda; e a terceira até ao Bihé.

— O sr. capitão Silva Furtado, chefe de Catumbella, presenteou a Sociedade de Geographia de Lisboa com collecções preciosas de idolos, armas indigenas, etc.

— Acaba de ser expedida uma portaria de louvor ás auctoridades e mais cidadãos de Pombal, que prenderam os assassinos do empreiteiro Abel Marty.

— Foram admittidos a concurso para segundos verificadores da alfandega, os srs. Alberto Henrique Ferrari, Adriano Alberto de Moraes Carvalho, Affonso de Albuquerque do Amaral e Cardoso, Alfredo Augusto da Silva Santos, Antonio Augusto Guedes de Sequeira Thedim, Antonio Maximo d'Almeida Costa e Silva, Carlos Maria de Vasconcellos Sobral, Christovão de Almeida Azevedo Vasconcellos Gramacho, Christovão da Costa Cesar de Castro, Francisco Marcelino de Sampaio Casqueiro e Silva, Francisco dos Santos Pinto, João Francisco de Guimarães Captivo, José Maria Coelho de Vasconcellos Pinto, Joaquim Pedro da Costa, José Teixeira Basto e Manuel Pinheiro.

— Foi nomeado contador geral interino do Tribunal de Contas o sr. Carlos Bruys.

— O boato que tem corrido de que pelo projecto da nova reforma administrativa são supprimidos cinco districtos, não tem fundamento.

— Para servir na eschola de marinheiros do Porto, foi nomeado o medico naval sr. Diniz Sampaio.

— O governo inglez presenteou com um rico binoculo o sr. Antonio de Sousa, commandante do vapor *Conductor*, por ter salvo naufragos inglezes.

— Foram declarados descobridores da mina de antimonio do Moinho da Egreja, freguezia de S. Pedro da Cova, o sr. Antonio de Bessa Pinto; e da de manganez da Ribeira do Fundo, freguezia de Sobreira, o sr. José Domingos Ferreira Cardoso.

— Foi nomeado encarregado de fazenda da corveta *Affonso de Albuquerque* o terceiro official de fazenda da armada Sá Penella. O capitão-tenente da armada, Carlos Diniz, foi nomeado immediato do mesmo navio.

— Começaram ante-hontem os trabalhos do caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transwaal.

— Pelo ministerio das obras publicas foi feito um ajuste provisorio para o estabelecimento d'uma linha telefonica, com fio especial de bronze, entre Lisboa e Porto, linha directa.

Y.

—

A' ultima hora.—O conflicto entre os soldados de artilheria e da guarda municipal, a que me refiro acima, repetiu-se hoje de tarde com maior gravidade. Eis como as cousas se passaram:

Um grupo de mais de vinte soldados e cabos de artilheria dirigiram-se á redacção do *Diario Illustrado* pedindo a rectificação da noticia ácerca da desordem de ante-hontem. Só um dos soldados subiu ao escriptorio da redacção, onde com modos delicados pediu para não se dizer mal dos artilheiros. Os outros, após uma curta paragem, foram seguindo para o Rocio, e juntando-se a varios paisanos e mais alguns soldados, foram beber vinho e depois sentaram-se nos bancos em frente da guarda.

Continuou a juntar-se povo, e appareceu um major da municipal que mandou vir um piquete de cavallaria. Apparecendo tambem um capitão de artilheria, mandou levantar os soldados, formar e marchar para o quartel; os artilheiros obedeceram.

No entanto parece que uns garotos foram dar morras á municipal em frente do respectivo quartel; isto bastou para que o commandante sahisse para a rua com toda a força disponivel, que com as espadas desembainhadas veio até ao Rocio, acutilando o povo que fugia. No Rocio apanhou uma cutilada o sr. Barruncho, administrador de um concelho proximo, que ia em companhia do sr. Peito de Carvalho. Este por pouco que não ficou ferido. O sr. general Malaquias ia tambem sendo acutilado, valendo-lhe um homem que metteu de permeio um guarda-chuva que ficou despedaçado. A municipal formou depois no Rocio, onde todas as lojas se fecharam. A cavallaria distribuiu pranchadas sobre o povo, o qual atirou pedradas, entrincheirando-se na rampa de S. Domingos e apagando os candieiros da illuminação. O piquete de cavallaria, avançando, disparou os rewolvers, e um piquete de infanteria deu uma descarga. Não houve ferimentos. No largo do Rato e em S. Pedro d'Alcantara, tambem foram dadas cargas de cavallaria, mas tambem não houve ferimentos.

O ministerio esta reunido no governo civil.

Y.

ANNUNCIOS

NOVIDADE

153 REFRIGERANTES gazosas de limão, baunilha, hortelã pimenta, salsa-parrilha, morango, alcatrão franboezas, cognac, rhum, genebra, etc.; vendem-se na loja de José Fernandes Melicio em Aveiro, assim como genebra Fockink legitima a 550 reis a botija, cognac de 1.ª qualidade a 1:000 reis a garrafa, dito de 2.ª a 800, créme a 500 reis e kermann a 600 reis.

AGUAS ALCALINO-GAZOSAS-LITHINAES
DE
VIDAGO

142 NO dia 1 de junho abrem os hoteis da empreza das AGUAS DE VIDAGO, conservando-se expostos ao publico durante os mezes de junho, julho, agosto e setembro.

A importancia therapeutica d'estas aguas mineraes tem-lhes feito grangear uma reputação universal, sendo com justa razão consideradas como agentes do mais subido valor em todas as doenças em que está indicada esta medicação. A' riqueza das aguas juntam-se as boas condições em que estão montados os hoteis da empreza, *nos quaes se proporcionam* as maiores commodidades e conforto.

Do relatorio apresentado pelo dr. Castro Lopo extractamos o seguinte:

DOENÇAS	CASOS	RESULTADOS
Dyspepsia	87	Excellente
Lithiase-biliar	16	Excellente
Eugorgitamento hepathico	25	Excellente
Catarrho vesical	17	Excellente
Lithiase renal	19	Excellente
Gôtta e rheumatismo,	4	Melhoras notaveis
Herpes	2	N'um bom resultado
Cymphatismo	1	Bom resultado
Diabetis	12	Excellente
Albuminuria	1	Algumas melhoras
Bronchite chronica	1	Bom resultado
Anemia	1	Bom resultado
Não qualificadas	20	

«... Como se vê pela estatistica presente não tem diminuido o numero de doentes que annualmente recorrem ao uso das aguas de Vidago, tomadas na sua origem. E' uma prova irrefutavel do quanto se generalisam os bons conceitos que merecem aos clinicos que deparam com casos especiaes como alguns que entram na estatistica, e para alguns dos quaes quasi de todo impotente o arsenal therapeutico que se encontra nas pharmacias.

«... Além dos agentes da mineralisação das aguas, uma parte importante nos resultados, deve-se, sem duvida, ás condições do local onde as aguas brotam, e aos hoteis da empreza, onde se observam todos os preceitos de uma boa hygiene.

«Não nos resta duvida em qualifical-os como hoteis de primeira ordem, e tanto mais que esta é a opinião geral que d'elles se faz.

«Se não repetimos aqui as considerações que temos por vezes feito sobre as aguas de VIDAGO é pelo julgarmos desnecessario.

«Que fique ainda assim mais uma vez consignado o conceito que d'ellas fazemos, collocando-as a par das de Vichy, ideia que aliás não nos pertence, pois que foi apresentada pelo sr. dr. Lourenço, mas que no entanto se armonisa com o nosso pensar.

(Assignado) *José de Castro Lopo.*»

A empreza tem feito melhoramentos notaveis nas nascentes de Oura, Villa Verde e Sabroso. Da nascente de Oura, abundantissimas, sahe a agua para o estabelecimento balnear, onde ha banhos de emmersão, circular, douches, etc., consideravelmente melhorados.

A agua de Sabroso, cuja riqueza é revelada pela primeira analyse, collocada em condições mais favoraveis, apresenta acido carbonico livre em quantidade extraordinaria.

A empreza vae mandar proceder a nova analyse, e é de suppor que venha mostrar que entre nós não ha outras que possam rivalisar com ella.

Para Vidago o transporte é facil, havendo na Regoa carros, mala-posta e diligencias que seguem até lá, podendo tambem seguir-se por Guimarães aos Arcos e Villa Pouca.

Para reserva de aposentos ou quaesquer esclarecimentos a correspondencia deve ser dirigida a madame Carvalho ou Miguel Augusto de Carvalho—VIDAGO.

EUCALIPTOS

149 COMPRAM-SE alguns paus de eucaliptus seccos, que tenham mais de 45 palmos de comprido e que sejam direitos e sem nós. Quem os tiver n'estas condições póde dirigir-se á Administração d'este jornal, que alli se lhe dirá quem os compra.

VACCA TOURINA

150 QUEM tiver uma vacca tourina nova, de boa raça, mas já a criar e muito leiteira, querendo-a vender, queira dizer onde póde ser vista e contractada, se servir.

O MELHOR PURGANTE

138 TODOS os padecimentos cuja cura depende da applicação de um bom purgante desapparecem rapidamente com o uso das pilulas purgativas da Moura que são indubitavelmente o melhor dos purgantes até hoje conhecidos. A sua acção é muito suave e nada irritante, o seu effeito seguro e rapido; o seu preço excessivamente modico e a sua administração da maneira mais facil e mais prompta. Os milhares de caixas que se vendem annualmente, tanto no paiz como no estrangeiro, mostram á evidencia a superioridade d'este precioso medicamento purgativo. Preço 300 reis. Depositarios em Lisboa, Pimentel e Quintans, 194, rua da Prata, (á esquina da travessa da Assumpção.) Venda por grosso, Felix & Filho, Porto.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

São falsificadas as pilulas em cujas caixas não for o nome Felix e Filho.

21

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

11

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Pariz) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como *preservativo*.

Exija-se a assignatura de RAQUIN.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES
78, FAUBOURG SAINT-DENIS, Pariz,
E em todas as boas pharmacias do extrangeiro.

ACABAM AS DORES

139 COM a applicação do afamado balsamo anodyno de Moura, cuja efficacia é incontestavel nos rheumaticos, nas nevralgias, nas distenções de tendões, etc. Numerosos attestados de pessoas distinctissimas do paiz e estrangeiros, entre os quaes muitos de medicos de subido merito, provam a grande superioridade d'este medicamento, hoje universalmente usado, sobre outros aconselhados para as mesmas molestias. Preço 500 reis. No Porto, Felix e Filho, S. Domingos, 46.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

Deposito em Setubal, Antiga Ribeira, 15 a 19.

Previne-se o publico para não ser illudido que é falsificado o balsamo em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.

RÉCLAME

77 DESDE o dia 1.° de setembro de 1884, um sello de garantia levando as palavras francezas «**Union des Fabricants** pour la répression de la contrefaçon» (*União dos Fabricantes* para a repressão das falsificações) acha-se applicado como um *sello do correio* sobre todas as caixinhas de pilulas que saem da pharmacia do Doutor **Dehaut** de Paris.

10

PILULAS DE BLANCARD

DE IODURETO DE FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK — *Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo.* — PARIS

1853 — 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla* ou *difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto. Blancard

Pharmacᵉ em Paris, rue Bonaparte, 40
DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

INJECÇÃO MOURA

140 ESTA efficaz injecção é a unica que cura em poucos dias, sem produzir damno algum toda a qualidade de purgações, tanto antigas como modernas, ainda as mais rebeldes. Deposito no Porto pharmacia Felix e Filho. Frasco 600 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

AFINADOR

145 OFFERECE-SE um afinador de pianos, com pratica d'este trabalho, e por preço convidativo.

Quem precisar dos seus serviços dirija-se a Joaquim Antonio Placido.

LARGO DO ROCIO—AVEIRO

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, unica legalmente au ctorisada e privilegiada. E' um tonico recoe tituinte, e um precioso elemento reparador, me to agradavel e de facil digestão. Aproveitap modo mais extraordinario nos padecimentosd peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mu res gravidas, e amas de leite, pessoas idoh creanças, anemicos, e em geral nos debilitad - qualquer que seja a causa da debilidade. Acss se á venda em todas as pharmacias de Poru gal e do estrangeiro. Deposito geral na Pha macia-Franco, em Belem. Pacote 200 reis, e lo correio 220 reis. Os pacotes devem conts o retrato do auctor, e o nome em pequena circulos amarellos, marca que está deposito em conformidade da lei de 4 de julho de 1883

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior. 23

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excellentes e ainda não igualadas machinas de coser de LANÇADEIRA OSCILLANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'olgodão.

Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu machinismo é ajustavel e com ouso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANNOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro.

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapelleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINGER

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 machinas! devido isto á sua grande aceitação, supplantando assim todos os outros systemas modernos, que jàmais poderão competir com a machina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

ESPECIALIDADES

Old Tom Gim (marca Gato *registada*)	4$800 réis por caixa de duzia
Cognac (muito velho)	5$800 réis por caixa de duzia
Scotch Whisky (10 years old)	8$000 réis duzia de garrafas
Vinho do Porto (velho)	3$000 réis duzia de garrafas
Vinho de Xerez (superior)	3$800 réis duzia de garrafas
Vinho de meza (igual ao melhor vinho de Bordeus)	850 réis duzia de garrafas
Champagne (muito superior)	7$200 réis duzia de garrafas

De 3 caixas para cima tem desconto, excepto os vinhos de meza
Pódem-se provar estes vinhos e cognacs no escriptorio de

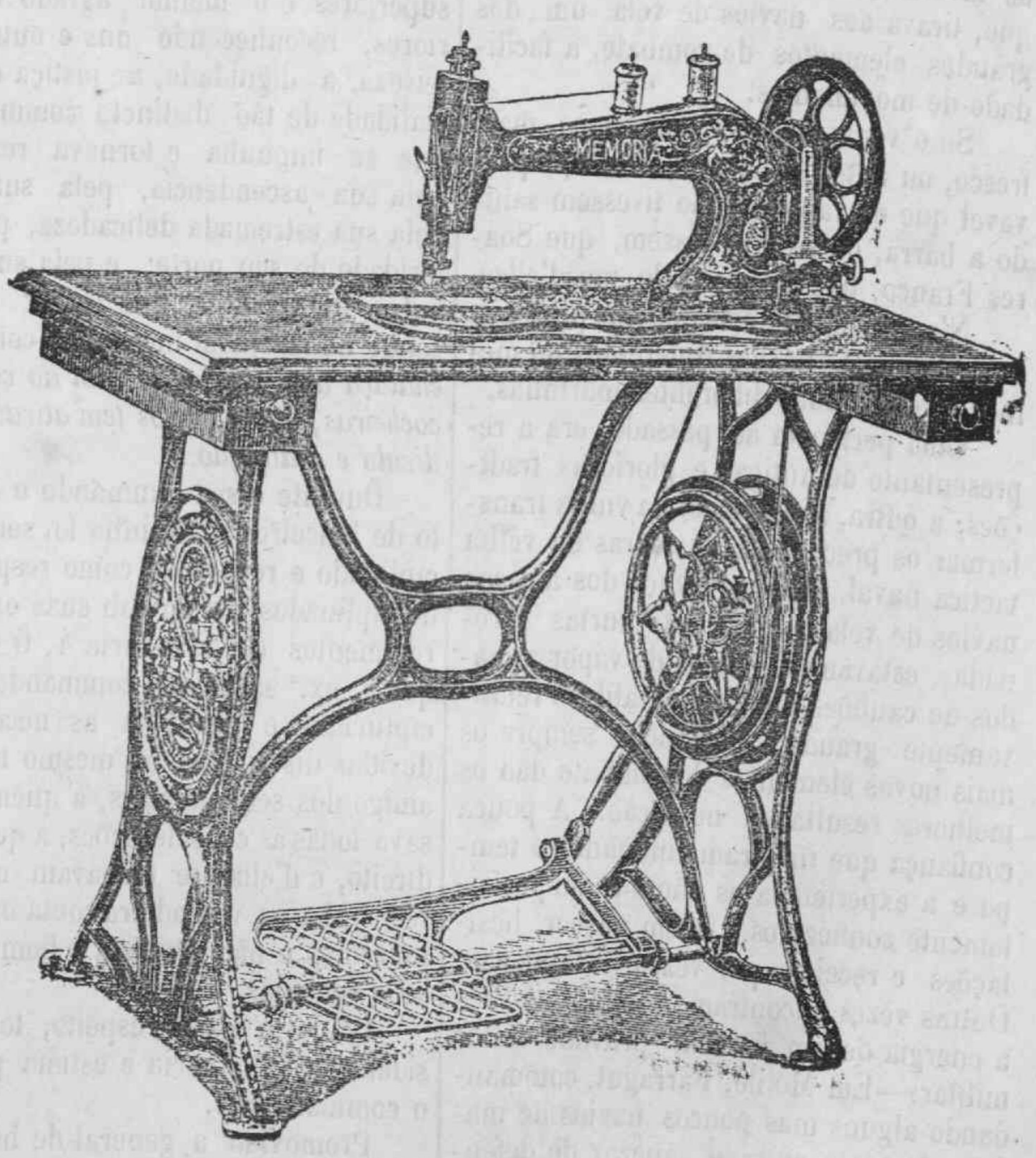
H. Daniel Ritson

39—RUA DO INFANTE D. HENRIQUE—39
(ANTIGA RUA DOS INGLEZES)
CASA ESTABELECIDA EM 1875

NOVO DEPOSITO
DE
MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero pederão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.